

Mary Janice Davidson
Amor

Prisioneira do



Prisioneira Do Amor

Mary Janice Davidson

1º Da Série Whyndham



Mary Janice Davidson
Amor

Prisioneira do

Disponibilização/tradução/formatação: Gisa

Revisão: Luciana Avanço

Revisão Final: Tessy Silva

PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES



Preso em um elevador, Jeannie Lawrence não estava disposta a experimentar o prazer pelas mãos de Michael Wyndham. Nunca esperou que esse homem diabolicamente atraente voltasse a aparecer em sua vida, ou que fosse um homem lobo! Aceitará ela seu destino de ser sua companheira?





Capítulo Um

Estava tão absorvida no Sim e Não de Glamour, que Jeannie Lawrence mal notou quando o elevador começou a dar baques até parar abruptamente. Não se deu conta até que as luzes se apagaram.

— Ah, vamos! — gritou ela, batendo com revista fechada no painel. Ficar presa em um elevador durante um corte de energia não estava em nenhuma parte de sua lista de coisas para fazer. Ao menos hoje.

— Agora não — uma voz resmungou, e ela quase gritou. Não sabia que alguém mais estava no elevador com ela. Quando colocava seu nariz em um livro ou revista, não notava nem Barney, o dinossauro, junto com ela no elevador.

— Bem, estamos em um bom apuro, não é!? — perguntou ela à voz —. Tinha que ser no dia em que poderia deixar meu artigo mais cedo! Suponho que é verdade... nenhuma boa ação fica impugne. A onde vai chegar tarde? Eu tento evitar o tráfico da hora de pico. Não posso suportar quando...

— Silêncio!

A voz tinha um som agradável de barítono, que gostou de ouvir apesar de sua brutalidade. Ela se calou, sem ofender-se. Algumas pessoas não gostavam de falar com estranhos. Ou talvez este sujeito fosse claustrofóbico. Ou... como se definia ter medo de escuridão? Escurofóbico? Independentemente disso, ele estava claramente preocupado por estar preso em um elevador sem saber por quanto tempo. Pobre sujeito Ela desejou que ele não começasse a gritar. Não havia nada pior que um homem crescido com um ataque de histeria.

— Sinto muito — disse ela. depois acrescentou — estou certa que não ficaremos aqui muito tempo.

Ela ouviu um som e o reconheceu imediatamente: o homem preso com ela tinha recuado uns quantos passos. Quase como se ele tentasse pôr a maior quantidade de espaço entre eles, se pudesse.

Exasperada, ela disse:

— Por Deus! Não tenho nada contagioso. Ao menos agora não — acrescentou ela, esperando subir o ânimo.

— Fica caladinha. E se encoste no canto mais afastado. Agora!

— Uma ova que vou fazer isso! — Ela se virou para a voz. — Olhe, só porque você seja uma pessoa anti-social não significa que eu...

— Não. — desta vez sua voz não tinha esse tom agradável de barítono. Soou como um grunhido, como se ele tivesse arrancado à força a palavra através de seus dentes —. Não se aproxime. Mantenha-se longe. Quando se move, provoca correntes de ar e capto mais seu aroma.

— E isso é ruim, não é? — Genial, pensou ela com humor. Estou presa com um sujeito que esta manhã não tomou a medicação. Por que não desci pelas escadas?!

— Não. Não é ruim. — Sua voz, apagada na escuridão, era tão vibrante que ela podia senti-la ao

longo de sua coluna — . É... extraordinário.

— Céus, obrigado. — Uh-huh. Evidentemente estava louco, com voz atraente ou não. Ela não tinha tido tempo de pôr perfume depois tomar banho. Ele não podia cheirar nenhuma maldita coisa, exceto talvez o odor persistente de seu sabão Diário. — Tem um médico especial que te conta estas coisas? Alguém a quem deveria chamar quando sairmos daqui?

Ele soltou uma gargalhada.

— Não estou louco. Embora não me surpreenda que tenha tirado essa conclusão. Como se chama?

— Jane Doe?

Ele riu entre dentes suavemente.

— Que mal poderá fazer que me diga seu verdadeiro nome?

— Bem, mas só se prometer não enlouquecer. Mais do que já está, quero dizer. É Jeannie Lawrence. — Havia um milhão de Lawrences na área de San Pablo, consolou-se ela, assim se fosse um *serial killer* ele provavelmente não poderia detectá-la quando isto tivesse terminado — . Agora lembre-se, prometeu...

— Na verdade não fiz nenhuma promessa. E tampouco teria servido para alguma coisa. — Ele suspirou, um som perdido na escuridão. Absurdamente, ela se compadeceu dele, deste estranho e louco perdido que falava de uma maneira estranha e com a voz mais sexy que tinha ouvido em toda sua vida — . Cheira maravilhosamente bem.

— Não comecemos outra vez com isso — ela advertiu.

— A lua está saindo. Posso senti-la. — Ela ouviu que ele engolia com força — . Não há muito tempo.

— Moço, acertou nisso. — Ela estendeu seus braços para frente, apalpando na escuridão, mal avançou e bateu violentamente a porta do elevador — . Olá! — gritou ela — . Há alguém aí acima? Uma agradável moça e um lunático delirante estão presos aqui!

— Está ovulando — disse ele diretamente em seu ouvido, e ela encolheu e se afastou dele, e saltou tão depressa para a parede mais longínqua que teria se machucado se ele não a tivesse segurado. Inclusive para sua surpresa, ela era consciente da força de sua mão, de seu cheiro, um cheiro limpo, completamente masculino, que gostou muitíssimo, apesar de seu repentino medo.

— Você — sua boca estava seca; ela engoliu para forçar a umidade e terminou seu discurso enfático — quase me mata de susto! Não se aproxime tão sigilosamente de mim, pelo amor de... e pode me soltar, também. — Ela arrancou seu braço de seu apertão, seu coração batendo tão forte que estava certa de que ele poderia ouvi-lo. E o que era isso tão absurdo que ele havia dito? Se ele realmente havia dito...

— É muito tarde. Está ovulando — disse ele, sua voz era um estrondo na escuridão — . Está... no cio, para dizer um pouco mais grosseiramente. E eu estou muito perto de minha transformação.

— Então esvazie seus bolsos — disse ela grosseiramente — . Solte sua transformação.

— Não quer que eu faça isso — disse ele suavemente — . Ah, não.

Ela pensou que algumas mulheres entrariam em pânico perante os acontecimentos, mas este sujeito estranho com essa voz atraente e mãos fortes não tinha nem idéia com quem se metia. Ela era faixa preta em karate, podia perfurar uma moeda de dez centavos a 45 metros, e tinha mandado uma

vez um aspirante a assaltante ao hospital com as costelas quebradas. Se este sujeito tentasse alguma coisa com ela, ia ter um dia muito ruim.

—Olhe, sinto que se esteja se sentindo... uh... indisposto, mas se permanecer tranqüilo, eles nos tirarão daqui em um mome...

Com aquela mesma brutalidade espantosa, sua mão estava atrás de seu pescoço, inclinando seu rosto, e ela podia sentir sua boca perto de sua testa, ouviu que ele inalava profundamente.

—Está no cio—murmurou ele em seu ouvido—, e a lua está subindo. —Ele inalou outra vez, avidamente. Congelada por suas ações, ela esperou suas seguintes palavras—. Eu sinto muito.

Então sua boca estava sobre a dela. Pressionada contra a parede do elevador, ela podia sentir sua longitude contra seu corpo, podia sentir suas mãos sobre ela, podia ouvir sua agonia. Ela tinha a absurda certeza de que ele fico impinotizado por sei cheiro, orgulhando-se disso. E estava absurdamente perto de relaxar entre seus braços, perto de devolver os seus beijos. Em vez disso, movendo-se contra os desejos de seu cérebro, suas mãos moveram com dificuldade apertando-se contra seu peito, com força, mas era como tentar mover uma árvore.

—OH, Cristo —gemeu ele em seu cabelo.

—Não!

—Sinto muito.

—...pare...

—Sinto-o muito.

—...antes de que eu parta seu..

—Acredita em homens lobo?

—... maior estúpido... o que?

—Sou um homem lobo. E minha transformação está muito perto. De outra forma poderia ser capaz de... mas a lua está muito perto. E você também.

—Do que está falando? —gritou ela.

—Estou tentando te explicar. por que isto vai... por que isto deve acontecer. Não tenha medo.

—Não tenho medo. —gritoei ela, empurrando seu peito outra vez. Desta vez sortiu efeito. Ou ele recuou.

—É uma mentirosa. —Estranho, como ele podia fazer que soasse como um carinho—. Posso cheirar seu medo.

—Não estou certa de como te dizer isto —disse ela entre os dentes—, mas não tenho medo de nenhum homem. E não cheiro...

—Não tem medo. Está preocupada, então —clamou ele—. Não te culpo nem um pouco. Se eu estivesse preso em uma caixa a 30 metros da terra com um homem lobo no momento de sua transformação, ficaria completamente louco.

—Sobre a fixação com os homens lobo —disse ela, esforçando-se por pôr uma nota de humor... sempre tinha uma necessidade perversa de aliviar qualquer seriedade—. Admito que isto me preocupa um pouco. Talvez haja um grupo de apoio que pode te ajudar: “Homens-que-amam-os-homens-lobos-e-as-mulheres-presas-em-um-elevador-com-eles”.

Ele riu, uma risada rouca.

—Poderia ter esperado outro momento para ter seu colapso nervoso? —queixou-se ela,

agradecida por isto o divertir. Se pudesse mantê-lo distraído, fora de equilíbrio, talvez a eletricidade voltaria e ela poderia...

Então ela sentiu suas mãos sobre seus braços, suavemente empurrando-a para frente.

—Sinto muito—disse ele, sua voz cheia de pesar. Outra vez, ela sentiu seu cheiro agradável, completamente masculino, e outra vez ela lutou contra a involuntária atração. Jeannie não planejava deixar que ele fizesse nada, pelo que estava se desculpando. Ela respirou fundo e se dispôs a golpeá-lo, A afastá-lo, com toda sua força. Um golpe que o aturdisse, e, se ela o atingisse na ponte do nariz, seria um golpe mortal. Ela desejou bater na testa ou no rosto. Ela não queria matar o lunático. Esse era seu pensamento quando ela bateu sua mão em seu queixo e o sentiu balançar-se para trás com o golpe.

—Ouch —ele disse calmamente.

Ela sentiu sua boca abrir com a surpresa. Ela o tinha golpeado, sabia que o tinha golpeado! Sua mão estava intumescida pela força. Ele deveria estar inconsciente, ou ao menos gemendo no chão.

—Isso foi um bom golpe —seguiu ele, como se estivesse comentando sobre uma bebida e não sobre um golpe que ela tinha demorado quatro meses a aprender—. Teve treinamento.

—Está louco —sussurrou ela. Ou ela estava. Poderia ser verdade? Ele tinha o ridículo pensamento que era um homem lobo? Ela se compadeceu dele na escuridão, certa que ele estava sangrando, e seus dedos encontraram seu rosto liso. Ela afastou sua mão para longe.—. Está completamente louco, sabia?

—Não.—Ela o sentiu perto dela e deu outro golpe, sem mais brincadeiras... e seu punho bateu em sua palma aberta.

Ele tinha bloqueado seu golpe. O que era quase impossível, a menos que ele fosse também faixa preta. E quais eram as possibilidades de estar presa em um elevador na Torre Wyndham com um homem louco que era também faixa preta? Mais inquietante ainda, ele tinha visto seu golpe vir. Enquanto que ela não podia ver sua mão diante de seu rosto.

Ela sentiu os dedos dele enredarem-se ao redor de seu pequeno punho, sentiu seu polegar acariciando o nódulo de seu primeiro dedo. Seus joelhos queriam tremer, fosse pelo medo repentino, ou pela sensação que seus dedos quentes estavam provocando.

—Corajosa Jeannie Lawrence —murmurou ele, sua voz tão baixa que soava como veludo rasgado—. Que pena que não esperou o próximo elevador.

Então ele, com habilidade, levantou suas pernas e ela caiu... mas ele caía com ela para amortecer sua queda e em um instante estava sobre ela, sua boca em sua garganta, suas mãos ocupadas com sua blusa. Ela gritou de cólera e consternação, batendo sem cessar em seus ombros, seu peito e seu rosto, ele recebeu os golpes sem parar sua tarefa. Ela ouviu um som quando ele rasgou sua blusa, tirou seu soutien... então sentiu que o choque se espalhava por todo seu corpo quando sua quente boca se fechou sobre seu mamilo.

Ela tentou tirá-lo de cima dela, mas ele a prendeu facilmente com uma mão em seus ombros, enquanto com a outra rasgava sua roupa.

—Sinto muito —gemia ele contra seu seio—, não tenha medo, não farei mal a você... OH, Deus, seu cheiro está me enlouquecendo. —Sua última palavra terminou em um grunhido, um estrondo sinistro que encheu o elevador escuro.

Ela tomou fôlego para que seu grito fosse ouvido em todo o edifício... mas soluçou em vez de

gritar. Ele era muito forte para ela, estava batendo, arranhando e chutando e ele mal notava. Esta... coisa que ele pensava fazer, ia acontecer realmente. A ela. Filha de um policial e um veterano das Forças Especiais, um homem e uma mulher generosos com seus ensinamentos, os quais nunca quiseram que sua filha fosse uma estatística de assassinato ou de uma violação. Jeannie poderia escolher uma manobra de defesa e deixar pasmado a maior parte dos homens com um golpe. Mas não podia parar este homem de tomá-la pela força. Não importava o fato de que sua mente seguisse gritando que isto não estava acontecendo com ela, que isto não estava acontecendo, não estava acontecendo, não acontecia. Acontecia!

— Não grite — pediu ele, e ela podia sentir suas mãos tremer quando ele a apertou contra ele—. Teremos terminado logo. Não doerá. Sinto tanto te assustar.

— Por favor não faça isso — sussurrou ela, odiando a forma como soava, tão indefesa, tão assustada... mas incapaz de fazer algo sobre isso—. Por favor não faça isto.

Ele gemeu outra vez e a apertou em um áspero abraço.

— Tenho que fazê-lo. Não tenho nenhum controle sobre isto, assim como mais tarde não terei nenhum controle, mas se não acredita, então não falaremos mais sobre isso. — Sua voz estava ainda tranqüila, e agora suas mãos estavam em baixo dela, acariciando suas costas, fazendo subir seu seio, e sua boca ficou sepultada em sua garganta, beijando e lambendo e até mordendo muito levemente.

Ela podia ouvir sua respiração entrecortada na escuridão, ouviu outro som quando sua saia foi rasgada. Ela acordou e arremeteu contra ele outra vez, cegamente, golpeando-o com força, mas sem, aparentemente nenhum efeito. Ele destroçou sua saia de linho como se fosse papel... Cristo, ele era forte! Mas as mãos em sua pele nua eram suaves, quase lânguidas. Elas estavam em todas as partes, acariciando sua pele, deslizando através de seus membros, e ela sentiu que seus mamilos se endureciam tanto que era quase doloroso. Quando seus lábios tocaram um, ela quase chorou pelo alívio, mas ainda empurrava contra os ombros dele com toda sua força. Ele esfregou seu rosto contra o mesmo mamilo, sua bochecha raspando através do sensível broto, e os dedos dela estavam apertados em punhos para que não o tocassem com ternura. Ela não podia ceder a ele, não importa como... Barba?

Ele estava recém barbeado há dois minutos.

Ela empurrou esse pensamento para longe, com força. Sua língua áspera passou através de seus mamilos, uma distração bendita que a fez querer gritar, fez desejá-lo, e ela odiou desejá-lo. Ela tentou lembrar-se que este homem a estava violentando, mas a única coisa que ela realmente poderia entender era que ele a fazia sentir como ninguém antes o tinha feito. Ela não era nenhuma novata no sexo, mas o único homem com o que ela tinha sido íntima tinha sido seu mamorado da universidade, e isso fazia quase três anos.

Em uma curva de sua mente, um estribilho constante: isto não está acontecendo. Isto não é real. Há dez minutos eu estava a caminho de casa; agora estou tendo sexo na escuridão com um estranho. Claro, isto é um sonho. Não pode estar acontecendo, logo não está acontecendo. Tentada a acreditar nessa voz, de ceder ante o prazer que ele podia oferecer tão habilmente, a...

Ela se deu conta de que não tinha batido nele recentemente. Que ela já não queria que ele parasse. Aquele pensamento traidor a obrigou a continuar batendo em sua cabeça, até que ele segurou seus pulsos e os colocou em cima de sua cabeça com uma mão.

— chega — ele disse com voz rouca, e ela se assustou, perguntando se ele ia bater nela—. Não te

culpo nem um pouco, mas... já é suficiente, Jeannie.

Ele separou seus joelhos com os seus, manteve suas mãos fora de seu caminho, as mantendo em cima de sua cabeça, e se inclinou para beijá-la. Ele se afastou bruscamente para trás quando ela tentou morde-lo. Pelo visto ele podia ver na escuridão como um gato.

Ou um lobo.

Ela pôs o pensamento ridículo fora de sua mente tão rapidamente quanto pôde. Esse caminho levava a loucura. Por esse caminho estava...

Seu polegar acariciou o algodão suave de suas calcinhas. E se movia mais abaixo. Seus seios estavam pressionados contra seu peito, seus joelhos estavam contra o tapete, forçando suas coxas a permanecer abertas, e agora seus malditos dedos estavam... estavam dentro de suas calcinhas. Sua respiração era tão áspera na escuridão, quase ofegante, e ela podia sentir seu corpo tremer com a tensão, podia ouvir seus dentes rangerem enquanto ele lutava... contra o que? Estava claro que ele estava tomado pela urgente luxúria, que queria meter-se dentro dela e empurrar até que não pudesse mover-se mais, mas algo o continha. E agora seus dedos acariciavam delicadamente os lábios rechonchudos entre suas coxas, acariciando tão docemente e meigamente... e depois seu polegar escorregou entre seus lábios inferiores enquanto sua língua empurrou seus dentes e ela quase gritou, de tão intenso que foi seu prazer.

Ele gemeu em sua boca e depois seus dedos afastaram suas dobras rechonchudas e seu polegar escorregou dentro dela e sua língua lambia, lançava-se, e ela soluçou de frustração e se apertou contra ele. Seus dedos dançavam através de sua carne escorregadia, docemente acariciando, provando, OH tão suavemente esfregando um círculo ao redor de seus palpitante clitóris, um círculo que se fazia mais pequeno e mais pequeno... e depois seu polegar dentro dela outra vez enquanto sua unha acariciava seus clitóris, e ela tremeu com tanta força que quase o empurrou para longe.

Ele grunhiu. O som não a assustou. Isto acendeu seu sangue, fê-la querer grunhir em resposta, fê-la querer afundar seus dentes em sua carne enquanto sua carne se afundava nela outra vez... e outra vez... e outra vez...

Ela se deu conta fracamente que ele não estava grunhindo, ele estava dizendo seu nome, mas sua voz era tão espessa e profunda que ela custava entendê-lo.

—Jeannie... deixo... suas mãos... livres?

—Sim! —ela gritou, louca por tocá-lo, por sentir sua carne contra a sua, por rasgar sua roupa como ele tinha rasgado a sua. Ele liberou seus pulsos e em um segundo seus braços estavam ao redor dele, pressionando-o mais perto, ela estava rasgando sua camisa, frenética por tirar o maldito tecido e ele a ajudava, e agora sua roupa não era a única na ruína total, depois de tudo, o que era o molho para o ganso era o molho para o homem lobo, e...

Suas mãos estavam sob suas nádegas, as levantando, e ela podia sentir essa longa, dura e quente parte dele aproximando-se para entrar. Durante um instante, a razão a reclamou. Realmente ia deixá-lo fazer isto? Esta louca? Ela não tinha nenhuma proteção e sem isso, nesse dia e com essa idade, ela estava deixando sua vida em suas mãos. E por que cooperava ela em sua própria violação, pelo amor de Deus?

—Espera... —disse ela com uma voz aguda, alta, mas ele continuava avançando, empurrando nela com força e calor e seu sentido comum a abandonou; ela inclinou sua cabeça e gritou até que

pensou que sua garganta arrebentaria, gritou para que ele nunca parasse e de qualquer modo ele chegou ao orgasmo, essa longitude dura e quente que a separava, enchendo-a, e isso deveria ter te feito mal, deveria, ele era muito grande e ela não tinha um amante durante anos, mas sua necessidade dele era tão grande como a dele por ela, e em vez de machucá-la, ela precisava de mais.

Quando ele estava completamente dentro dela, de algum jeito, ele obrigou a si mesmo a parar; apertou-a contra ele e ela podia ouvir o bater furioso de seu coração. Suas mãos atrás de suas costas eram punhos duros e tremia como se tivesse febre, mas de qualquer jeito ele parou. Quando ele se esforçou para pronunciar umas palavras ela mal podia entendê-lo.

— ... Dói?

— Não — ofegou ela, movendo-se contra ele, seu palpitante pênis dentro dela a punha frenética —. Não, não, não por favor, por favor não pode parar agora não pode, não pode...

— É... muito pequena... tem certeza... que não dói?

— ... não pode, não pode por favor não me faça...

— Não... fique... assustada... me diga a verdade. — Ele tomou um profundo e estremeceador fôlego, seus punhos ainda se apertavam debaixo dela e, muito à distância, ela ouviu o tapete rasgando-se —. Posso tentar... esperar... se você...

— Implorar, não me faça implorar, por favor, por favor, por favor, POR FAVOR!

Ele saiu dela, mas antes de que tivesse tempo para gemer sua decepção ele se introduziu de repente. Sua boca cobriu a sua, sua língua acoplando-se com a sua, enquanto ele tomava uma e outra vez, enquanto eles faziam amor tão ferozmente o elevador tremeu. E ainda por cima de tudo isto, além de tudo isto, ela poderia ouvir alguém gritar com alegria rouca e fracamente, se deu conta de que era ela quem fazia esse ruído.

Seu orgasmo se fechou de repente nela como ele, espasmos tão ferozes que ela realmente podia sentir seu útero contraindo-se. Ele ficou rígido perante a altura de seu clímax, atirou sua cabeça para trás, e rugiu ao teto de puro triunfo animal.

Durante uns longos instantes, ela pensou que não poderia mover-se durante algum tempo. Ela podia cheirar o aroma de sua relação sexual, podia ouvir sua respiração pesada, ouvir a sua. Seu pulso com um ruído surdo em seus ouvidos e ela estava úmida pelo suor e... outras coisas.

Ele se retirou e, suas mãos freneticamente apalpavam seus membros, seu pescoço.

— Está ferida? — ele perguntou com voz rouca —. Te fiz mal?

— Não — ela disse cansadamente, pronta para dormir durante uma semana. Um ano —. Não, foi uma violação surpreendentemente indolor.

Ela o sentiu estremecer-se, e se perguntou a quem pensava enganar. Isto poderia ter sido violação no primeiro minuto, mas depois disso, ela tinha sido uma participante impaciente. A vergonha a fez enrubecer.

— Jeannie... lamento muito. Não espero que entenda. — Ela sentiu sua mão em seu braço e se agachou atrás, odiando-se, odiando-o, e sobre tudo, odiando o fato de que ela queria voltar a fazer tudo isto outra vez, agora mesmo. Aqui mesmo.

— Eu sinto — disse ele outra vez, silenciosamente —. Minha pobre Jeannie. Foi tão valente.

— Não me chame assim — gritou ela. Tentou juntar sua blusa feita migalhas, poderia ter tentado se vestir com confetes, que era igual —. Não me chame de maneira nenhuma. Não fale comigo

absolutamente.

— Temos que te tirar daqui — disse ele urgentemente, ignorando completamente sua ordem —. E rapidamente. A lua está quase acima.

— Não comece com isso outra vez — disse ela.

— Fora — resmungou —. Tenho que te tirar. Não está segura aqui.

— Irmão, acertou nisso. — Ela começou a levantar e quase caiu para frente; tinha pensado que seus olhos tinham se adaptado à escuridão, mas estava ainda virtualmente cega. E esgotada. E — a coisa mais estúpida que alguma vez tinha desejado — ela queria que ele pusesse seus braços ao redor dela e promettesse que tudo ficaria bem.

E se ela ficasse presa ali com ele toda a noite? E se ele decidia tomá-la outra vez? Poderia recusá-lo? Queria fazê-lo?

Ela ouviu que ele se levantava, ouviu que ele batia experimentalmente no teto do elevador, logo ouviu o gemido de metal quando ele de algum jeito forçou a escotilha fechada com chave. Ela sacudiu sua cabeça pelo som, assombrada com sua força. Ele poderia ter quebrado meu pescoço, pensou. Em qualquer momento que ele tivesse querido.

— Por que diabos não fez isso faz vinte minutos?

Ele segurou sua cintura e a levantou... pela pequena porta secreta.

— Tinha outras coisas em minha mente — respondeu ele —. Como quanto precisava te tocar.

— Bastardo.

— Sim — ele disse silenciosamente —. Mas agora posso pensar outra vez. Por um momento.

— Não te elogie — resmungou ela, com cautela, ficando de joelhos em cima do elevador. Ela ouviu que ele ria entre dentes em baixo dela e depois, repentinamente, assombrosamente, ele ficou de cócoras ao lado dela no teto. Passou do chão e pela tampa em um segundo, pelo visto. Era quase suficiente para fazê-la perguntar-se...

Mas era ridículo. Isto era o século vinte e um, e não havia tais coisas como homens lobo, demônios!

— Por que deixamos a segurança relativa do elevador, para vacilar aqui fora em cima do elevador, louco? — ela perguntou com uma doçura artificial.

— Decidi definitivamente me apaixonar por você — disse ele por casualidade, em um tom que poderia ter usado para pedir que ela fechasse a janela —. Qualquer mulher em perigo mortal que pode fazer brincadeiras a seu atacante logo depois de ter sido aterrorizada, definitivamente vale a pena ser guardada. Só para que saiba.

— Guarda isso para sua audiência de liberdade condicional, amigo — disse ela. Antes de que pudesse pensar no que o sistema judicial faria com sua bênção, ela ouviu sua sentença de morte: os cabos do elevador gemendo de tensão. Ela tardiamente se deu conta de que estava em mais perigo que aquando do sexo forçado esta tarde —. OH, Deus — disse ela, repentinamente aterrorizada. Tinha pensado que estava assustada quando o Alto, Escuro e Quente a tinha tomado contra sua vontade? Ela não sabia o que era estar assustada —. OH, Deus... o que podemos fazer?

— Viver — ele disse simplesmente e, absurdamente, ela se confortou com isso. Ela o faria, porque nunca a escuridão a tinha aterrorizado tanto. Ela podia ouvir seus movimentos rápidos, ouvir sons vibrantes quando as partes do cabo cediam pela tensão, ouvir as portas do elevador a 60 cm acima

ranger quando eram forçadas e abertas.

— Tome cuidado! — disse ela bruscamente.

— Sempre — ele disse, e de repente suas mãos estavam sobre ela outra vez, e ela se sentiu facilmente levantada e empurrada. Ela estendeu a mão e se agarrou violentamente, e sentiu o tapete diante dela. O edifício estava tão escuro como estava o elevador, mas ela podia dizer que ele a havia suspedido, quase sobre sua cabeça (ninguém era tão forte) e a tinha empurrado através das portas do elevador. Na pura escuridão, não podia sentir ninguém mais ao redor, o que não era ruim, considerando a ruína de sua roupa. Agora suas mãos estavam em seus tornozelos, e ele empurrou, com força. Ela deslizou através do tapete como se fosse um azulejo molhado, sua testa inteira esquentando-se pela fricção (ele não estava louco, ele realmente era um homem lobo).

Ela girou e avançou lentamente para as portas abertas, andando atenta pela queda.

— Sai! — gritou ela na escuridão, ouvindo o vibrante e agudo som de mais cabo partindo-se. — Pule! Rápido! Você pode fazê-lo, suleito estranho!

— Fique atrás das portas! — ele disse bruscamente—. Não pode ver nada, cairá certamente. Permanece...

Ela se obcecava com isso durante semanas, que suas últimas palavras fossem advertências por ela. Porque naquele momento, o cabo principal se partiu e o elevador caiu como chumbo cinco pisos para o porão.

Seu violador se tornou seu salvador. E tinha pago o preço com sua vida. Ela deveria sentir-se aliviada. E se sentia aliviada. Tão aliviada que caiu no tapete poeirento e soluçou como se seu coração se tivesse quebrado.

Capítulo Dois

Certamente, que havia perguntas. Sempre havia perguntas. E quando deixou de chorar, Jeannie tratou de responde-las. Não, não sabia o nome do passageiro do elevador. Não, não sabia como tinha conseguido romper a escotilha fechada com chave e levantá-la vários metros até a segurança. Não, não sabia como tinha conseguido forçar as fechaduras para abrir as portas. Não, não precisava ver um médico. Não, não podia identificar o corpo — quando o encontrassem — porque nunca viu sua cara. Não, não e não.

Pensou que podia simpatizar com a administração do edifício. Uma seminua, histérica mulher, engana a morte em seu edifício e agora só queria ir casa... certamente detestavam deixá-la ir.

Teve a oportunidade de dizer o que ele tinha feito, como a forçou — inclusive havia um advogado no quarto para tomar sua declaração (o assessor jurídico corporativo da administração do edifício, indubitavelmente preparado para lhe suplicar que não os processasse) — mas não podia fazê-lo. Embora a tivesse assustado e usado, não podia dar queixas contra ele. Se o preço por sua vida era sexo forçado e um prazer que intumescera sua mente, podia sentir-se muito afortunada.

Viu um médico devido à insistência dele, um doutor que levantou as sobrancelhas ao ver os farrapos de sua arruinada roupa, mas não disse nada, um doutor que podia dizer que recentemente tinha tido relações sexuais, mas depois de suas secas respostas às suas cuidadosamente expressas perguntas, não disse nada aos outros. Provavelmente assumiu que estava em minha natureza provocar quedas nos elevadores, pensou ela com cinismo, e ao pensar em seu companheiro de “queda”, esmagado e morto, quase começou a chorar de novo.

O médico tentou insistir que ficasse uma noite no hospital, mas ela se manteve firme. Assim como as montanhas se mantinham firmes. Não ficaria, passaria a noite em sua cama, obrigado. Poderia alguém chamar um táxi?

Deram-lhe dinheiro para o táxi; sua bolsa estava no fundo do poço do elevador, junto com sua carteira, seu cartão da caixa automática e seus cartões de crédito... e seu violador/salvador. O táxi chegou. Ela entrou. O táxi a deixou em sua casa. Desceu do táxi. Entrou em sua casa. Tirou a roupa. Tomou banho durante muito tempo. Chorou durante um tempo maior.

* * * * *

Três semanas mais tarde, por volta do momento que percebeu que seu período estava atrasado, seu martirizado violador/salvador, apresentou-se em sua porta.

Capítulo Três

Michael Wyndham III saiu devagar do carro, nervoso como um noivo. O qual, ele supunha que era. Tinha levado quase três semanas para encontrar Jeannie, semanas de frustração, culpa e preocupação. Mas agora ia vê-la outra vez. O pensamento de sentir sua essência, talvez até tocá-la, fez que seu pulso batesse em seus ouvidos. Ah, ela o deixava mau!

Ele sorriu abertamente. Era maravilhoso encontrar sua companheira. E de um modo tão estranho! Seu pai tinha tentado dizer a ele, mas Michael nunca tinha acreditado, sempre tinha pensado que uma fêmea era como a seguinte. Mas ele tinha encontrado a sua companheira pela mais pura sorte e, o melhor de tudo, o mais maravilhoso de tudo, ela era uma humana extraordinária! E o *homo lupus*, ao contrário do *homo sapiens*, tinha uma única companheira na vida.

O problema agora era persuadir Jeannie, que pensava que seu futuro marido estava mais louco que uma cabra.

Derik e Jon saíram do carro e os três examinaram o edifício de apartamentos diante eles. A mínima segurança — o que não seria um problema para três homens lobo na flor da idade — e uma localização agradável, diretamente sobre o lago, com um parque em frente. O melhor de tudo, a menos de quatro horas de automóvel da fazenda Wyndham.

— Lembrem-se — disse aos seus homens. Derik e Jonathan eram seus amigos mais íntimos, seus protetores mais ferozes—. Estou morto. Forcei-a, e ela teve que assumir que morri. Estará aterrorizada quando me reconhecer.

— Se te reconhecer — recordou Derik. Ele era tão loiro e bonito como Michael era escuro—. Seus olhos não são tão bons como os teus. Provavelmente no elevador estava escuro como o breu para ela.

— Se ela me reconhecer — esteve de acordo Michael—. Eu estou simplesmente te lembrando, que precisará...

— Paciência — Derik e Jon completaram em uníssono, depois riram dele. Michael pôs seus olhos em branco e bateu em Jon atrás da cabeça.

— É verdade — disse ele —, eu poderia estar me repetindo.

—Deixa de preocupar-se, Michael — disse Derik—. Não vamos lutar com sua companheira.

—Acha que está grávida? —perguntou Jon com esperançosa curiosidade. Ele era um ruivo de cabelo encaracolado com traços infantis. Aparentava dezesseis anos, e tinha o dobro—. A manada durante muito tempo esteve esperando que se emparelhes e proporcionasse um herdeiro. Seria maravilhoso se ela...

—Estivesse grávida e feliz de ver nosso líder da manada, e aceitasse nosso estilo de vida com os braços abertos, e se adaptasse à manada como se tivesse nascido nela? —Derik sacudiu sua cabeça diante de seus amigos—. Nada disto vai ser fácil, para ela ou para nós. Melhor que não esteja grávida. Então Michael pode deixá-la ir.

—Chega —disse Michael bruscamente. Deixá-la ir? Deixar ir aquela mulher engenhosa, bonita, sensual? Em seus sonhos, em seus ouvidos ainda ressonavam seus gritos de êxtase. Deixá-la ir?

Isso se podia discutir, consolou-se ele. Ela certamente estava grávida. Seu aroma tinha sido todo doce maturidade, como um amadurecido pêssego. E em baixo dele, ela havia sentido...

—Me perdoe, ó poderoso rei dos homens lobos —disse Derik com secura—, mas está a ponto de te esbarrar com esse pilar.

—Não estou —disse ele, virando bruscamente no último momento. Ele sorriu abertamente aos seus amigos, que reviraram seus olhos. Jon tinha tomado uma companheira o ano passado, e portanto sabia exatamente o que seu líder de manada estava passando. Derik não tinha, e por isso pensava que seu líder estava sendo estupidamente sentimental.

—Ela estava assustada —disse ele em voz alta, lembrando—, mas nunca o demonstrou.

—Ainda penso que isto é uma loucura —disse Derik sombriamente—. E má sorte. Quantas vezes um se tranca em um elevador... com uma fêmea ovulando que não pode te recusar, que simplesmente é uma humana e não acredita em homens lobos...

—Céus —Jon interrompeu com um sorriso—, quais são as possibilidades?

Derik não fez caso de seu amigo.

—... que vai diretamente à sua mente quando tentarmos trazê-la de sua casa. Homem, espero que não esteja grávida.

—Resolveremos —disse Jon, mas ambos ouviram a dúvida em seu tom—. Os humanos se emparelham com homens lobos todo o tempo, e vice-versa.

“Todo o tempo” era um grande exagero (umas duas vezes em uma geração teria sido mais exato), mas nem Derik nem Michael o lembraram disso.

—Correto Jon, me perdoe se me sufocar com esta frase —disse Derik, dando a seu líder da manada uma palmada amistosa no ombro que teria derrubado a um homem humano—. Isto funcionará. Venha, chefe. Vamos conseguir sua companheira.

* * * * *

Ao menos, pensou Jeannie desgostosa, não tenho que me preocupar a encontrar alguém para a manutenção do bebê.

Ela estava em seu banheiro, olhando fixamente a dupla linha rosada que, conforme asseguravam as instruções, significava que estava positivamente grávida. Um assalto sexual depois de estar sem um companheiro durante três anos, e ela estava autêntica e verdadeiramente apanhada.

Entre outras coisas, era problemático que o pai de seu bebê tivesse estado um pouco desequilibrado. Era também problemático que estivesse morto. Jeannie não tinha nem ideia — nenhuma absolutamente, nenhuma remota ideia — a respeito do que fazer agora. Sua mente, depois de assimilar a dupla linha rosada (uma cor tão inofensiva para um acontecimento tão transcendental), fechou-se, e o mesmo pensamento se mantinha circulando por seu cérebro: agora o quê? Agora o quê? Agora o quê?

Houve uma batida firme na porta e, zangada pela intrusão, foi ver. Olhou às escondidas pela mira da porta e viu três homens grandes silenciosamente de pé do outro lado da porta. Estavam vestidos com trajes escuros; o do meio era o mais alto, com o cabelo escuro, e estava franqueado por um loiro e um ruivo.

Que diabos é isto?, perguntou-se. Normalmente teria pedido ao menos seus nomes antes de abrir a porta, mas o choque daquela dupla linha rosada ainda governava suas ações, e ela abriu a porta completamente.

O do meio era quase suficiente para distraí-la de sua notícias... ele era, simplesmente, um dos homens de aspecto mais finos que tinha visto na vida. Era tremendamente alto, com um cabelo negro bastante comprido e ondulado que parecia espesso e sedoso; seus dedos coçaram por comprovar se era tão exuberante como parecia. Seus olhos eram de uma estranha e magnífica cor... as pupilas eram grandes e escuras, as íris amarelo-douradas. Seu nariz era afiado, e seu lábio inferior se torcia de uma maneira incrivelmente sensual. Seus ombros eram ridiculamente amplos; seu casaco estava preso com uma corrente a sua fina cintura.

—Yuh... —Ela tossiu e tentou outra vez—. Sim? —Ela deu uma olhada aos seus companheiros e eles tampouco perderiam um concurso de beleza. Um loiro, um ruivo, ambos atraentes e de olhos verdes, poderosamente constituídos e ainda mais largos de ombros que o moreno.

Os três a contemplavam. Ela secretamente sentiu como se em seu rosto tivesse sujo ou saindo formigas de seu nariz ou algo igualmente asqueroso.

—O que aconteceu, rapazes? —Eles deviam estar vendendo seus calendários de corpos duros porta a porta, pensou, essa é a única explicação da abrupta chegada de três magníficos homens diante ela, na sua soleira!

—Jeannie —disse o moreno. Com essa única palavra, ela reconheceu sua voz —essa profunda e aveludada voz— e ficou gelada até os dedos dos pés. Obrigando-se a manter uma expressão neutra, levantou uma sobrancelha ante ele.

—Sim? —ela disse, com impaciência.

Seus ombros caíram um pouco e o homem loiro lançou a ele um olhar de compaixão. A boca esboçou uma inclinação afligida, ele disse hesitantemente—. Eu... ah... isto é difícil, Jeannie. Provavelmente não se lembra... whurggggh!

Ele disse “whurggggh!” porque ela tinha levantado seu pé calçado contra seu testículo com toda sua força. Seu fôlego se cortou em um agonizante grito afogado e ele caiu de joelhos. Ela caminhou pora diante do surpreso ruivo e se inclinou sobre ele, sacudindo um dedo em sua cara.

—Pode apostar seu demente traseiro a que me lembro! A) Obrigado por salvar minha vida, e B) Vá pró inferno! Outra vez, quero dizer! Agora vá embora, antes que eu perca a paciência...

—Isso quer dizer que não a perdeu ainda? — perguntou o loiro, horrorizado.

—... e esqueça que salvou minha vida e lembre que me violou em um elevador que esteve a

ponto de cair em um porão. Se tivesse tomado cinco minutos mais para conseguir seu prazer, ambos estaríamos mortos! Tem sorte que não jogue os policiais sobre você!

—Não acredito que ele se sinta com sorte neste momento —disse o ruivo, contemplando o violador/salvador, que se agarrava e se retorcia no chão de um modo pouco digno.

—E quanto a vocês dois —disse ela, rodeando o ruivo, que deu um passo atrás e cobriu as suas partes baixas com ambas as mãos—, seu amigo aqui tem alguns problemas psicológicos sérios. Ele acha...

—... que é um homem lobo —disse o loiro atrás dela. Ela virou, uma parte dela não gostava da maneira como os três, deliberadamente ou não, tinham-na cercado muito estreitamente.

—Conhece suas alucinações? —Agora poderia ser um bom momento, pensou ela com inquietação, para recuar para dentro de meu apartamento e fechar a porta.

—Compartilhamos a mesma alucinação—disse o loiro, rindo dela com dentes muito brancos, muito agudos.

—Bem, maravilhoso —ela estalou, ocultando sua inquietação... a qual estava rapidamente transformando-se em temor. Ante o tom dela, as sobrancelhas do loiro se arquearam apreciativamente—. Talvez possam compartilhar o mesmo psiquiatra, também. Você... o que está fazendo?

Ele a cheirava, como um cão. Ele não a tocou, mas ficou muito perto e farejou, farejou, farejou seu pescoço.

— Merda —disse ele, mesmo antes que ela o empurrasse com suficiente força para fazê-lo cambalear sobre seus pés. Ele se voltou para o gigante caído, quem tinha sido ajudado a ficar de pé pelo loiro—. Está grávida.

O moreno sorriu abertamente, triunfalmente, e a contemplou com um olhar fixo de ouro reluzente, um olhar fixo muito orgulhoso e possessivo para seu gosto.

—Felicidades — disse o ruivo cortesmente—. A ambos.

Para seu assombro, o loiro estendeu a mão e a pôs sobre seu estômago plano.

—Aqui se desenvolve o próximo líder da manada —disse ele respeitosamente—. Barabéns, senhora.

Ela apertou os dentes.

—A mão. Tire. Agora.

Ele obedeceu depressa. Antes que ela pudesse pensar o que fazer ou dizer —nada tinha sido controlável desde aquela dupla linha rosada— o moreno falou. Sua cor voltava, e tinha recuperado do forte golpe nos testículos, muito mais rápido do que ela esperava.

—Jeannie, a versão curta é: sou um homem lobo —tal como acredito que escutou—, o líder da manada, está grávida com meu herdeiro e sucessor, tenho inimigos que raptariam minha companheira e meu filho, portanto, não é seguro para você ficar aqui, tem que vir para casa conosco.

Sem uma palavra, ela girou e entrou em seu apartamento, fechando firmemente a porta em suas caras, travando o ferrolho com um estalo. Uma vez dentro, começou a tremer tão fortemente que olhou ao redor, procurando um lugar para sentar-se.

—Jeannie?

Era o moreno, chamando-a do vestibulo. certo, como se fosse abrir a porta e dizer, “Sim,

querido?”

—Jeannie, se afaste da porta.

Tendo visto sua força antes, tinha uma boa idéia do que viria, e foi imediatamente para trás do pequeno cofre na mesinha auxiliar do salão. Houve um tremendo ruído surdo e sua porta se estremeceu em seu marco. Ela abriu a tampa do cofre e agarrou sua Beretta de 9 mm, amaldiçoando-se a si mesma por ser tão paranóica sobre a segurança da arma que mantinha o carregador — totalmente carregado — em seu quarto. Não teria tempo para ir buscá-lo agora...

CATAPLÁN!

... Sua porta simplesmente tinha sido arrancada das dobradiças.

Ela se voltou, sua palma embalando a manga da arma para ocultar o vazio onde deveria estar o carregador, e a apontou para ele, vendo o oco de sua garganta. O estranho moreno, — como ainda não conhecia seu nome — caminhava através da soleira dentro de sua casa. Seus amigos, ela aliviou ao notar, não estavam à vista em nenhuma parte.

—Vai dar um tiro no pai de seu filho? —perguntou ele com verdadeira curiosidade. Ele recolheu a porta e a pôs com esmero no lugar, depois caminhou para ela.

—Em um minuto de Nova Iorque —disse ela com frieza—. pare. Dê a volta. Vá embora agora.

—Não posso imaginar sua raiva, sua dor e sua frustração. —Seu tom era sério; nem sequer deu uma olhada à arma; seu olhar estava fixo em seu rosto—. Te disse que não tinha nenhuma opção, e espero que um dia seja capaz de me ver mais que um monstro inconsciente.

—Derrubar minha porta não é um bom princípio para tal efeito —disse ela bruscamente—. Última oportunidade, Romeu.

—Sinto muito.

Antes de que ela pudesse calcular como seguir dissuadindo-o, ele tinha avançado, tão rapidamente que não pôde rastrear imediatamente o movimento. Ele deslizou para diante, sob a mira de sua arma, através de seu estimado piso de dura madeira, e a segurou ao redor de seus joelhos. Com uma mão ele amorteceu suas costas quando ela caiu no piso; com a outra, ele atirou a arma de seu alcance. Levantando-a, ele soube em seguida que não tinha nenhum carregador, e riu diante ela —. Boa fanfarronada. Nunca duvidei de você. —Ele a jogou sobre seu ombro.

—Solte -me!

—Farei-o. Espera. Me diga agora, enquanto temos um pouco de intimidade... Foi machucada aquela noite? Depois, quero dizer. Tive que ser brusco quando rebentei a porta do elevador. Não havia tempo para...

Parte de sua cólera —uma diminuta parte— diminuiu. Ele era um seqüestrador e um violador, mas estava terrivelmente preocupado por seu bem-estar. Ela lembrou também de sua preocupação aquela noite, depois de a ter tomado. Ele em cima dela, ambos ainda ofegantes, e suas mãos percorrendo seus membros, procurando feridas, assegurando-se de que não a tinha machucado.

—Não —confessou através de seus dentes apertados—. Não me machucou. Nem sequer um joelho raspado. Eles me disseram que você tinha morrido.

Seus dourados olhos cintilaram para ela —. Só duas pernasquebradas. Mas me curo rápido. Sentiu muito? Quando pensou que eu estava morto?

—Não —ela disse rigidamente, lembrando seus soluços, o modo em que demorou uma hora

para deixar de chorar depois da queda do elevador.

—Se eu tivesse morrido —ele sussurrou, inclinando-se mais perto, soprando sua orelha... para sua irritação, todo o seu lado esquerdo começou a formigar—. Se eu tivesse morrido, teria levado uma lembrança bonita comigo. Teria morrido satisfeito, sabendo que minha semente tinha encontrado um lar, sabendo que a mulher mais valente que alguma vez encontrei ia ser a mãe de meu filho.

—Cale-se —disse ela fracamente, levantando sua mão para pressionar e afastar seu rosto... ele se afastou facilmente, e ela teve a sensação que isso aconteceu porque o agradou, não devido a algo que ela tivesse feito—. Cala-se, odeio você, lamento que não tenha morrido.

—Sei —disse ele tristemente—. Sua opinião não está a ponto de mudar. —Repentinamente, ele moveu todo seu peso sobre ela, e ela sentiu seus dedos subir e localizar a união entre seu pescoço e ombro... e começar a apertar. Rosas negras floresceram em sua vista e se sentiu fraca, fraca, consumindo preciosa força para conseguir afasta-lo dela, arrastar seus dedos longe de seu pescoço e que demônios era isto, de qualquer modo? Era isto...

Capítulo Quatro

Ela despertou em um quarto desconhecido... e sua consciência veio a gritos.

—Que demônios foi isso?! Realmente usou o Beliscão do Vulcano? Em mim, seu monstro?

Então compreendeu que estava sozinha. O quarto era pequeno... a cama quase ocupava o quarto inteiro... Havia duas janelas grandes em cada lado da cama, e... E o quarto se movia. Ela saltou da cama, que se balançou durante um comprido momento quando uma onda de vertigem a afundou, depois olhou a janela mais próxima.

O quarto estava em uma estrada. Viajando apenas a 113 Km/h.

Houve uma batida seca e curta na porta, e depois o Estranho, Alto e Escuro mostrou sua cabeça.

—Você está bem?

Ela girou para ele e ele sorriu abertamente quando ela disse bruscamente.

—Estou tão doente de ouvir você fazer essa pergunta depois de ter me feito algo horrível! Não, não estou bem! Sou vítima de violação e de seqüestro e a vítima de uma gravidez. E vítima de um Beliscão Nervoso Vulcano e agora estou em algum tipo de quarto móvel...

—Isto é um RV? —disse ele amavelmente, entrando no quarto, escondendo suas mãos de sua vista. Ela parecia um coelho, facilmente assustadíssimo, como se ela pudesse fugir a qualquer momento. Pelo visto ele tinha a mesma impressão, porque sua voz foi baixa e muito calma—. Quis que ficasse confortável durante a viagem.

—Quanta consideração —disse ela com sarcasmo ácido—. Por que não fui seqüestrada antes por um homem tão amável.

Seu sorriso sumiu.

—Jeannie, tenho inimigos que a seqüestrariam e tomariam seu bebê e depois a matariam, assim eles poderiam criar o seguinte líder da matilha e ter a voz no poder. Como poderia deixar que isso acontecesse?

Ela respirou fundo se forçou a acalmar. Acima de tudo... o poder físico, a voz atraente... tinha que ser tão bonito? Se ela tivesse dado um olhada dele no elevador antes de que as luzes se apagassem,

ele provavelmente não teria tido que forçá-la. Muito.

—Olhe. Não digo que seja um mentiroso, ok? Não digo isso. Estou certa que acredita em tudo isto.

—Obrigado —disse ele com secura.

—Mas o fato é, que não pode forçar mulheres em elevadores e depois se apresentar em suas casas e as tomar e levar quem sabe onde. Não pode. Não sabe que não está certo? Não se preocupa?

Ele sentou na borda da cama e moveu sua cabeça sobriamente.

—Sei realmente que isto está errado. Segundo suas leis.

Ela levantou suas mãos enfasiada.

—Ah, lá vamos nós.

—Preocupo-me realmente —seguiu ele—. Estou tão zangado e humilhado como você, estou envergonhado por encontrar na necessidade de me comportar como um vilão. Mas é muito pior te usar para meu prazer e depois nunca te ter em conta. Sobretudo quando eu sabia que estava ovulando, sabia que havia uma possibilidade excelente de ter te deixado grávida. Como poderia voltar as costas para você depois de te usar? Como podia alguma vez deixar de te olhar, para me assegurar que estava fora de perigo?

—Bem!— gritou ela, chocando forte contra a cama—. Me olhe! Me diga que não esta morto! Poderia ter pedido meu perdão por me forçar e me assustar e... e de outra maneira, e eu poderia ter agradecido por salvar minha vida, e depois poderia ter seguido seu caminho e eu teria seguido o meu. Em vez disso, faz isto —Ela gesticulou por volta do quarto do RV—. Detesto os quartos em rodas —assobiou ela.

—Havia uma pequena possibilidade de que meus inimigos a encontrassem —a recordou tranqüilamente.

—Muito pequena... você sabia meu nome e ainda precisou de três semanas para me encontrar.

—Até se houvesse só uma possibilidade entre mil de estar em perigo, pensa que a arriscaria por um só instante? —ele perguntou bruscamente—. Está zangada comigo agora, mas e se eu nunca tivesse voltado para sua vida... e meus inimigos o tivessem feito? Teria morrido blasfemando meu nome. Eu não podia ter agüentado isso.

—Ah, por favor.—ela virou de costas—. Você não dá duas merdas por mim. Eu fui um pedaço de traseiro que não pôde resistir. Isto é... aaah!

Ele tinha se posto atrás dela como um líquido, em uma velocidade silenciosa que tinha visto antes, assustando-a. Sua mão caiu em seu ombro e ele a girou para ele. Seus olhos, capturaram os seus, eram de ouro e ardiam.

—Não diga isso outra vez —disse ele com uma calma gelada que a aterrorizou, tanto como a fascinou—. É desrespeitoso para mim, tanto como para você. Não tenho o hábito de forçar fêmeas, apesar do que acredita.

—Sinto muito —disse ela rapidamente, com os lábios trêmulos. Então, desprezando seu medo, ela acrescentou com frieza—. Tire sua mão de mim.

Sua mão desapareceu.

—E agora te assustei —disse ele com verdadeira pena—. Me perdoe, Jeannie.

—É só que, não me conhece, não vejo como pode afirmar algo assim de mim —disse ela com

cuidado.

Sua mão subiu devagar, com cuidado, e quando ela não se afastou, colocou-a em seu rosto com o toque de uma pluma.

— Conheço-te muito bem — murmurou ele.

— Há muito mais em você que a beleza.

Ela avermelhou; contra sua pele quente, sua mão era fresca.

— Não sou bonita.

Ele riu.

— Com tudo esse cabelo loiro encaracolado?

— É crespo — ela o corrigiu.

— E todas essas adoráveis longas pestanas?

— Puf.

— E essa pele pálida, como o creme mais rico?

— Quando vou à praia pareço um vampiro de merda, agradeceria muitíssimo se deixássemos de falar de minha aparência, por favor?

— Então teremos que falar só de sua inteligência e coragem e engenho agudo — disse ele com pena e pesar —. O que seria aborrecido.

Ela riu; ela não o pôde evitar. E imediatamente ficou em silêncio.

— Nunca antes tinha ti ouvido rir! — ele disse, encantado —. Faça outra vez.

— Não posso rir por uma ordem. Olhe — disse ela energicamente, retornando ao tema, perguntando-se quanto ia mudar sua cara —, vamos falar dos fatos, aqui. Fatos, não ilusões e de que você é o rei dos homens lobo e tem inimigos que me querem apanhar embora eles não me conheçam... fatos firmes e frios. Onde é sua casa?

— Barnstable, em Cape Cod? — disse ele, divertido.

— Ah, sim, Cape Cod — disse ela sarcasticamente —, um foco de homens que podem mudar de forma. O que sempre pensei. Os turistas tinham que ir ali pela razão que fosse...

Ele riu outra vez, e sua mão deslizou para baixo, para sua clavícula. Ela bateu nele e ele saltou para trás, tão rápido que bateu na parede longínqua.

Assustado, ele foi para ela, retornando cortesmente atrás quando ela o chutou.

— Não me toque aí outra vez. Nunca. Jamais. Se o fizer, juro que vou... — Ela não podia pensar em algo bastante mau —. Farei algo pior que arruinar seus testículos.

Ele entendeu.

— Eu não ia golpear-te de novo — disse ele. Para seu assombro, ele soou ferido realmente —. Só queria te tocar.

— Importa-me uma merda! É desprezível, aparecendo sem ser convidado, me segurando e me apertando até ficar fria...

— Tive a impressão. — disse ele com secura, indo até ela e arrastando-a, dando um chute na esquina. Ele a empurrou calmante para a cama e depois andou ao redor dela, ficando de pé no lado oposto do quarto —. Tive a impressão de que não cooperaria em seu... uh... retiro. Medida tiveram que ser tomadas. Mas pensa nisto... pensa nas coisas que eu poderia fazer se não apreciasse seu bem-estar.

Ela não o tinha tentado. Ela tinha compreendido que no elevador ele poderia tê-la matado, tê-la

mutilado, tão facilmente como pisar forte uma aranha. Se ele quisesse lhe fazer mal, tinha tido uma ampla oportunidade. Demônios, ela tinha provocado a pior dor que um homem pode conhecer... e não houve nenhuma vingança.

— Ainda esta errado — disse ela firmemente.

Ele deu de ombros.

— Tem mais perguntas?

— O que acontecerá quando chegemos a Cape Cod?

— Fica em minha casa familiar.

— Até?

Ele vacilou. Ela rangeu os dentes e repetiu a pergunta.

— Até que aceite seu destino e livremente concorde em ficar comigo. Connosco.

— Para sempre? — perguntou ela, horrorizada.

Ele assentiu.

— Seqüestrou-me para sempre? A menos que eu escape ou faça voar o lugar ou algo assim?

— Sim. — ele fez uma pausa —. Não espero que esteja de acordo diretamente...

Ela se lançou sobre ele. Era tempo de aproveitar do fato que ele não a machucaria gravemente. Seu primeiro murro falhou... ele segurou seu pulso a tempo... mas seu chute simultâneo atingiu o alvo, e ele fez uma careta quando o pé dela se chocou contra sua canela.

— Odeio você! — gritava ela, chovendo murros sobre ele. Ele segurou seus pulsos e recebeu seus chutes estoicamente, só bloqueando as dirigidas à virilha com a perna —. Não pode fazer isto! Este não é meu destino, seu sujeito estranho, isto é somente sorte inesperada! Não ficarei com você, não o farei! Tenho uma vida! E isto não inclui continuar em Cape Cod com um sujeito estranho que acredita que é um homem lobo!

— Entendido. Mas não importa; ficará. — Com seu grito de raiva, ele continuou —. E enquanto falamos, eu não gosto de ser esmurado, ou chutado — disse ele tranqüilamente, fazendo uma careta quando ela chutou ele com toda sua força —, assim haverá conseqüências no futuro.

— Que se danem suas conseqüências! — Ela jogou sua cabeça para diante golpeando-o com força; ele moveu sua cabeça para o lado e ela terminou por bater sua testa em seu pescoço.

— Começando por agora — ele disse, e a puxou tão bruscamente que ela perdeu o fôlego. Então sua boca estava sobre a dela em um beijo doloroso que roubou a força de seus joelhos. Ele fixou seus braços ao lado do corpo e, quando seus dentes se fecharam em uma tentativa de mordê-lo, contentou-se mordiscando suavemente seu lábio inferior.

— Não faça isso — ele avisou, e quando sua boca se abriu, sua língua escorregou por entre seus dentes.

Ele se afastou antes que ela pudesse juntar forças para mordê-lo outra vez. Ele respirava com força. Quase tanta como ela. Seu efeito nela a enfurecia e ela virtualmente quebrou seus dentes de raiva.

— E — ele disse com tranqüilidade, mas seus olhos brilharam —, agora que sabe que há conseqüências, sintase livre para me dar murros sempre. Depois posso pôr minhas mãos sobre você sem me sentir nem um pouco culpado, nessas condições.

— Deveria morrer de culpa — disse estranguladamente —. Te odeio.

Ele contemplava sua boca, na sua havia uma linha de tristeza.

— Eu sei.

Ele partiu, fechando de repente a porta do quarto deixando-a fraca atrás dela. Jeannie se sentou antes que seus joelhos a traíssem.

Capítulo Cinco

— Esta — disse o Alto, Escuro, e Repugnante às quinze ou mais pessoas ali reunidas —, é minha futura esposa, Jeannette Lawrence.

— Senhora — disse a pequena multidão com uma respeitosa harmonia.

Jeannie abriu sua boca para dizer exatamente o que pensava — o de ser sua futura —, mas o muito bastardo deu um golpe para sua chamar a atenção.

— Ela está aqui completamente contra sua vontade — continuou ele —, e por isso não está muito feliz. Também está grávida de mim...

A multidão emitiu um afogado grito de felicidade.

— ... e tampouco está feliz por isso. Ocorreu, como alguns de vocês provavelmente já adivinhou, durante a última lua cheia.

Cabeçadas de assentimento. Olhadas pormenorizadas. Ela mordeu a língua, com força, para evitar gritar pela vergonhosa raiva que sentia.

— Portanto, será um pouco grosseira, atirárá coisas, e fará todo o possível por escapar — ele continuou tranqüilamente, como se ela não estivesse de pé, presa pelo cotovelo, escutando cada palavra —. Não entende sua vulnerabilidade e não pode apreciar seu delicado estado. E tampouco agradecerá a algum que o indique — fez uma pausa —. Tenham paciência com ela.

Jeannie pôs seus olhos em branco. No bordo da multidão, uma miúda e loira mulher piscou o olho travessamente.

— Moira, poderia mostrar a Jeannie suas acomodações?

A pequena loira assentiu e avançou imediatamente. O Psicopata deu a volta e perguntou com ridícula cortesia:

— Tem alguma pergunta, Jeannie?

— Só uma. — ela fez uma pausa. Ele esperou, a multidão esperou, com ansiedade. —. Como diabos se chama?

Como! Ele corou um pouco, e houve algumas risadas dissimuladas entre a multidão. Moira riu zambeteiramente, e rapidamente afogou o som quando ele deu uma olhada com um cenho franzido.

— Ah... tá certo, nenhuma vez tivemos tempo para isso, não é? É Michael. Michael Wyndham.

— Genial — disse ela, sem surpreender-se. Depois do mês que tinha tido, nada poderia surpreendê-la. Os Wyndhams controlavam um vasto Império de navegação e eram supostamente mais ricos que Deus. O pai de seu filho possuía o alto edifício onde ela tinha apanhado o desgraçado elevador, provavelmente também possuía a revista para qual trabalhava. Isso parecia.

— Psicopata e rico.

— Tenho tanto medo — disse ele com um sorriso insufrivelmente sexy. Ela afastou o olhar, desgostosa.

Moira a conduziu para fora do pátio, da assombrosa mansão que tinha vislumbrado do RV.

Depois de sua última confrontação com o Alto, Escuro e Wyndham, tinha chorado até dormir. E quando despertou, pararam na casa mais bonita que tinha visto na vida. Tinha estado tão pasmada pelo tamanho e a majestuosidade da casa, que não tinha dito uma palavra quando Michael a tirou calmamente do RV e a apresentou ao pessoal da casa, o ruivo (cujo nome era Jon); o loiro (que se tinha apresentado a si mesmo como Derik) tinham assegurado que todos compartilhavam com o Michael sua “alucinação”.

Ela estava tão impressionada pela mansão que ficava junto ao oceano, que mal podia preocupar-se por ser mantida presa por quinze pessoas tão loucas como o próprio Wyndham. A autêntica ansiedade viria, não tinha nenhuma dúvida, com o tempo. Logo que sua comoção e surpresa desaparecesse. Então moveria até o inferno até que ele pagasse. Logo faria...

—Espero que chegue a amar este lugar —dizia Moira, enquanto a conduzia pela casa onde se rodou “O E o vento levou”, quer dizer, a cópia exata dos Doze Carvalhos—. Estivemos esperando-a durante muito tempo.

—Me esperando?

—Que nosso líder tomasse sua companheira —explicou Moira. Uma loira encantadora e delicada com olhos azul céu, e uma pele tão pálida que era quase translúcida. Ela era pequenina; quase uma cabeça mais pequena que Jeannie, e a mesma Jeannie media um metro e cinquenta e cinco. — Ele precisa um herdeiro. Só é um pouco desafortunado que... —sua voz foi diminuindo, aparentemente envergonhada.

—Não sabe o quanto desafortunado —disse Jeannie com secura—. Olhe, Moira, suponho que não há nenhuma possibilidade que me ajude...

—Nem me pergunte isso, senhora —disse ela firmemente—. Morreria pelo Michael. Qualquer de nós.

—Em outras palavras, que não gaste saliva, perguntando a alguém mais para tentar sair desta prisão —terminou.

—Sua “prisão”, senhora —disse Moira com um sorriso, abrindo duas portas de mogno. Jeannie caminhou pelo quarto mais bonito que ela tinha visto... com chão de reluzente madeira, com exuberantes tapetes, com uma lareira o suficiente grande para assar dois porcos, e várias portas. E a cama! Uma monstruosidade extra-grande, o suficiente grande para que dormisse comodamente uma família de seis pessoas.

—O banheiro, armário, outro armário, balcão —dizia Moira, abrindo todas as portas.

—Espere! —disse Jeannie, olhando-a fixamente, com os olhos totalmente abertos. Moira riu suavemente outra vez—. Bem, ok, o lugar ocupa uma posição alta na minha Lista dos Dez Lugares Para Ser Mantida Presa. Mas isto inspira pouca confiança, sabe.

—Hmmm? —disse Moira, abrindo a cama.

—Ser mantida aqui contra minha vontade —lembrou Jeannie com impaciência. Esperando que Moira enrubecesse, reconhecesse sua culpa, que fizesse algo... algo além de encolher os ombros e olhá-la indiferente, diabos. Então um pensamento a golpeou, e perguntou bruscamente— Onde dorme Wyndham?

—No quarto contíguo —disse ela simplesmente.

—Só sobre meu cadáver!

— Isso terá que falar com ele, senhora.

— E pára de me chamar senhora! Não tenho noventa anos!

— Como deseje, minha senhora.

— Fora! — gritou ela, e para seu alívio e surpresa, Moira obedeceu imediatamente. Jeannie se jogou sobre a cama, envolvendo-se imediatamente com o edredom. Sentia-se muito zangada para chorar outra vez, o que era um alívio... já que tinha chorado em excesso ultimamente. Agora era o momento da ação!

— Desejas algo de comer antes de tentar escapar?

Era Wyndham, tinha introduzido sua cabeça pela porta que conectava indubitavelmente seu quarto com o dele. Como gostaria de bater nele ao fechar a porta, observar como seus olhos saíam de suas órbitas quando ela partia seu pescoço.

O fulminou com o olhar da cama.

— Quero ir para casa.

— Sim, sei.

— Agora!

— Sinto muito.

Ela ficou de quatro pés sobre a cama, cambaleando até ficar sobre os joelhos sobre os desenhos do edredom. Sua boca tremeu enquanto lutava por obter o controle de si mesma.

— Wyndham, digo pela última vez: não ficarei aqui com você. Não terei nada a ver com você. É um criminoso e um burro, resumindo, um miserável!

— Não tem medo — disse ele com um suspiro satisfeito —. Sabia que não o teria.

— Que isso não te suba à cabeça. Estou muito zangada para ter medo. Escuta, cabeça de alho chocho: vai haver monstruosas repercussões se tentar me manter aqui. Estamos falando de ossos quebrados e incursões do FBI. Estarei fora daqui em um segundo se apresentar a oportunidade.

Ele realmente pareceu alarmado... Sério perante a possibilidade de perder seu brinquedo sexual? Ou por uma razão mais profunda? Então sua expressão se clareou.

— Haverá conseqüências se tentar escapar — disse ele simplesmente, avançando um passos pelo quarto e suavemente fechando a porta contígua. Tinha trocado seu traje por uns shortes caqui e uma camiseta branca, e se era possível, estava mais atraente com a roupa informal, mostrando sutilmente os músculos de suas pernas e seu tórax. Ele estava tão ridiculamente bronzeado, ridiculamente bonito—. Vais tentar escapar logo? — perguntou ele, como se perguntasse sobre a temperatura do quarto.

— Seu...Seu... — balbuciou ela ante sua absurda pergunta —. Se supõe que você não quer que eu escape.

— Não escapará. Apanhar-lhe-emos. Não quero que saia daqui... é perigoso. Além disso, como antes adverti, haverá conseqüências se tentar escapar.

— Que conseqüências? — perguntou ela, mas tinha o pressentimento de que já sabia.

Seu olhar estava nivelado.

— Conseqüências como as do elevador.

Sua boca ficou seca, enquanto seu coração batia como louco.

— Pede ajuda, Wyndham. Tão rapidamente como é possível.

— acha que estou contente com este panorama?

—Sim! Acredito que estás muito contente — disse ela amargamente.

O folgado realmente pareceu ferido. Não podia acreditar que fosse tão simples.

—É a única maneira que posso pensar para te impedir de partir —ele suspirou— já que não acredita quando te aviso sobre o perigo.

Ele caminhou para a cama, fazendo-a baixar os olhos. Teria que ter sido cega para não ver a fome que havia em seu olhar.

—Não mentirei para você... uma parte de mim quer que tente e que escape —esclareceu ele—. Não me entenda mal... Lamento as circunstâncias que te trouxeram aqui. E lamento que você não goste de minha casa.

—Nunca disse que não gostava de sua casa —o interrompeu ela bruscamente.

—Mas se tentar escapar, tal como se tentar me magoar outra vez, então a tomarei sem sentir nenhuma culpa.

—Você...

—Mal posso ficarr de pé tão perto de você sem te tocar —disse ele e, por um momento, pôde ver a dor e o anseio que havia em seu olhar, por isso afastou o olhar—. Dormir só a uns metros de você vai levar a loucura. Mas a não tomarei outra vez pela força, Jeannie... exceto claro se houver um fator dissuasivo. Porque —acrescentou ele tristemente—, por mais que deseje seu toque, sei que não pode suportar estar perto de mim, que me despreza. Assim ter relações sexuais aliviaria minha fome enquanto te castigasse —deu a volta—. Desejo que tudo pudesse ser diferente entre nós —disse sem dar a volta—. Daria qualquer coisa para que tudo fosse diferente.

—Sabe pelo que eu daria qualquer coisa? —perguntou ela docemente, procurando no espaço atrás dela alguma caoisa para jogar nele, não descobrindo nada mais mortal que um travesseiro.

Ele riu nesse momento, deixando o quarto. O travesseiro só bateu na porta, caindo sobre o chão com um golpe seco.

Capítulo Seis

Já que Wyndham, o cretino sádico, ofegava ao pensar em sua fuga, e já que tinha posto de sobreaviso a casa de que ela era uma hóspede não disposta, Jeannie decidiu ficar um pouco, contando que sua situação não mudasse (ou seja: desde que Wyndham não achasse que ela estava no cio outra vez, ou Moira não acrescentasse vidros quebrados em seu leite).

Assim almoçou com Wyndham e seu pessoal, que eram obviamente mais amigos que empregados, em uma sala de jantar que tinha mais janelas que um solário. A luz do sol salpicava através da mesa e brilhava no chão de madeira dourado. Sentou-se na sala de jantar mais fino que já tinha visto e tinha comentado sobre quão delicioso estava toda a comida. Eles tinham estado olhando-a com expectativa, e pareceram decepcionados quando ela não jogou coisas ou saltou através da mesa pelas portas francesas que conduziam à praia.

—Quando soube que esperava o filho de nosso líder? —perguntou Derik, deslizando o cesto para ela.

Ela se serviu com outro pedaço de tomate seco pelo sol e pão de manjericão e olhou seu relógio.

—Aproximadamente seis horas e quatorze minutos.

Wyndham levantou a vista de sua sopa.

—Fez uma desses testes caseiros? Não viu um médico?

—Tinha uma entrevista para esta tarde. Que perdi. Adivinha por que, Rei Psico.

Ele permaneceu tranqüilo, embora visse que alguns do pessoal escondiam sorrisos.

—Bem, então, precisa de um médico. Moira, procura-o. —Ele olhou Jeannie com o cenho franzido, depois acrescentou—, um médico feminino, por favor.

—Sim, senhor.

—Como, há muitos médicos homem lobo para escolher? —Jeannie interrompeu sarcasticamente—. O quê, vocês têm uma lista telefônica? —Quando os outros riram, teve um pensamento repentino—. Ah, teremos que ir à cidade para isso?

Derik, sentado à esquerda de Wyndham (ela estava à sua direita), riu dissimuladamente.

—Boa tentativa. O médico virá aqui.

—Bem, que bom para ele!

—Ela —Michael corrigiu bruscamente.

Jeannie levantou suas sobrancelhas, não disse nada, e comeu seu frango. Wyndham estava com ciúmes de um médico masculino? Ridículo. De qualquer modo, poderia ser um arma prática para usar. Arquivou o pensamento.

—Está zangada porque pensa que estamos todos loucos, ou porque está aqui contra sua vontade? —Jon perguntou com curiosidade.

—Não penso que seja uma pergunta justa —disse Michael com recriminação.

—Sim, quero dizer, tenho tantos motivos para estar furiosa com todos vocês, como posso escolher só um?

—Quis dizer —disse Jon, esclarecendo um pouco—, dentro de três dias será lua cheia. E poderá ver como alguns de nós mudamos, ou inclusive a um de nós mudando, e depois não pensará mais que estamos loucos, assim poderia ser mais fácil nos aceitar, já que seria verdade para você?

Ela realmente pôde sentir como a cor fugia de seu rosto, poderia sentir o tremor em suas mãos. Deixou cair a colher em sua sopa e fugiu da mesa, correu e correu, para seu quarto.

Michael a alcançou na escada. Ela se soltou e continuou correndo. Nunca captando uma indireta, ele a seguiu até seu quarto.

—Lua cheia? —ela perguntou, odiando o tom nervoso de sua voz. Ele fechou a porta para assegurar um pouco de intimidade; ela apenas o notou—. A lua cheia outra vez? Não posso passar por isso novamente! Não posso passar por aquela loucura com você outra vez! Não me toque!

Ele tinha avançado para ela, não fazendo caso de seus gritos e a apertou, lutando, em um abraço firme.

—Está tudo bem —disse em seu cabelo—. Eu tinha planejado deixar as terras quando minha mudança viesse. Não te teria forçado outra vez. Prometi a você que não te forçaria, exceto como castigo.

—Que boa é sua promessa? —ela ofegou, descansando sua testa contra seu ombro. Ele cheirava tão bem. Era tão consolador como irritante.

—Fiz-te muitas coisas, Jeannie, mas quando quebrei uma promessa?

Ela encolheu os ombros asperamente. Então se esforçou, lembrando. Ela se voltou para trás

para olhá-lo.

—Mas e os outros? Todos pensam que são homens lobos, também, todos...

—Não tem nada que temer das fêmeas, porque como minha companheira, é a fêmea alfa. Não, escuta, Jeannie... se isto é uma ilusão, ao menos temos que seguir as mesmas regras, não é? E os machos não vão poder tocar em vocês sem minha permissão. —Sua voz se endureceu—. E não a darei. Nunca. Assim, não tem nada que temer.

Ela afogou em uma gargalhada.

—De verdade que não —disse ele, pressionando um beijo quente em sua testa—. Agora volta e termina seu almoço. Não quer privar o bebê de comida, certo?

—Não —suspirou. Olhou-o outra vez; ele tinha posto um braço ao redor de seu ombro e a conduzia para a porta, de retorno a sala de jantar. Um pensamento a golpeou um pouco tarde, mas seu processo de pensamento estava sendo continuamente frustrado por choque sobre choque—. O que pensa? Sobre eu estar gávida, quero dizer? Não tive a oportunidade de perguntar isso. Não é que me preocupe —acrescentou depressa.

—Estou comovido —disse simplesmente, dando um sorriso caloroso. Ele se inclinou perto e ela intuiu que ele queria muitíssimo beijá-la. Alguma preocupação tardia por seus sentimentos o conteve—. Eu adoro crianças. A manada precisa de continuidade da sucessão. E consigo te ter agora, não é?

Sua voz terminou em uma nota de brincadeira, mas ela não se sentiu divertida.

—Por um minuto, quase gostei —disse regularmente, afastando seu braço—. Obrigado por me devolver a bola.

Na mesa da sala de jantar, outra pessoa que acreditava ser homem lobo ainda fulminava com o olhar Jon, que estava miseravelmente envergonhado.

—De verdade sinto muito —disse ele imediatamente ao ver Jeannie—. Não deveria ter de lembrado sobre a lua cheia. Esqueci que... —ele fez uma pausa, olhou Michael, e enrubeceu mais—. Não tenho nenhuma desculpa. Sou assim o se...

—Por favor pare —disse ela, pondo os olhos em branco e recostando-se—. Sou eu quem deveria pedir perdão. Posso te assegurar que esta não é minha forma de ser habitual, deixar cair os talheres e fugir para o quarto quando a palavra “lua” é introduzida na conversa.

Os outros riram, Michael mais embaraçado que qualquer um. Jon riu dela com verdadeira gratidão. E Derik serviu outro peito de frango em seu prato.

* * * * *

—E um passeio, Moira? —ela perguntou energicamente, depois dos pratos do almoço terem sido retirados—. Poderia ver também minha nova casa.

—Ela tentará escapar —adverteu Derik, terminando o último pedaço de seu sorvete de pêssego.

—Sei —disse Moira defensivamente—. Não tem que me dizer isso tudo, Sr. Homem Perfeito.

—Traga-me ela quando a tiver encontrado novamente —disse Michael por casualidade, mas seus olhos brilhavam de um modo que não agradou Jeannie.

—Olá! —ela gritou—. Estou ainda no quarto, aqui! Pode ter esta conversa onde eu não possa te ouvir?

Moira riu bobamente, e estendeu uma mão. Surpreendida, Jeannie a tomou.

—Vamos —disse ela—. Começaremos com os jardins. Se me esmurrar a cabeça para escapar, tenta não arrancar meus cabelo.

—Por Deus —ela resmungou, mas obedientemente seguiu Moira para a porta.

Ela tinha decidido, de fato, escapar no dia seguinte, ou melhor, antes da lua cheia. Afastando os favores de Michael, não tinha nenhuma intenção de compartilhar uma casa, apesar de ser luxuosa, com vinte pessoas compartilhando a mesma ilusão. E não planejava estar no mesmo Estado que Wyndham quando ele passasse por isso outra vez. Não tinha medo de ser forçada, tanto como forçada ao prazer. Suas bochechas ardiam com humilhação cada vez que lembrava como ele a tinha feito gritar de êxtase. De novo estava de volta no elevador quente, escuro, Michael introduzindo seu pênis entre suas coxas, seus dedos afundando em sua pele, silenciosamente impulsionando mais, mais...

Ela sacudiu a cabeça, e se concentrou no passeio. Agora não era tempo de fantasiar. Agora era o momento para riscar, planejar e evitar finalmente estas loucuras.

No roseiral, Moira disse em voz baixa:

—Não a culpamos. Por estar desgostosa, quero dizer. Deve ter sido... —Ela se aquietou, depois perguntou timidamente—, foi muito horrível?

—Como!? Quer dizer estar presa no elevador com seu chefe? Bem, as luzes se apagaram, assim não podíamos ler Glamour...

—É muito amável ao tomar isto em brincadeira, mas... Não posso imaginar como deve ter sido para você, uma humana pura e incrédula, além disso ele rasgando sua roupa, arranhando-a e mordendo-a, e ser forçada a ajoelhar-se e ser tomada sem muita “delicadeza”... Acho que teve que ver um médico. —Ela parecia estar perto de começar a chorar—. Suponho que sofreu e... e não é de admirar que o odeie. A nós.

—Uh... sim. Sim, foi uma tortura interminável. Quem construiu isso aí?

Quando Moira obedientemente mostrou o abrigo do jardineiro, a mente de Jeannie girou. O que Moira imaginava não tinha sido absolutamente o que aconteceu. Michael tinha tentado acalmá-la, de a agradar, assegurando-se que ela estava pronta para ele. Ele tinha tido tanto controle. O que pensaria sinceramente Moira se dissesse que tinha sido a experiência sexual mais emocionante, agradável de sua vida? O que significava isso, que ele tinha estado quase fora de controle, mas sentiu bastante carinho para fazer todo o possível para não machucá-la, inclusive a agradar?

De novo, estava de volta ao elevador quente, escuro...

Jeannie afastou o pensamento com uma firmeza que não sentiu.

—Não pode deixar as terras —dizia Moira causalmente—, até que matemos a Gerald. Mas depois disso, deveria ser possível.

—O que? —ela quase caiu em um alto arbusto—. Agora fala de matar alguém e assim posso partir?

—Não explicou nosso líder sobre Gerald?

—Francamente, tento aplacá-lo quando ele balbucia sobre todos os bons seus motivos para violar a lei no que a mim concerne.

—Sua lei —indicou Moira tranqüilamente—, não a nossa.

Jeannie viu seu fôlego elevar-se tão cinzento que era quase de prata.

—Bem... Qual é sua lei?

—Segurança dos companheiros e primeiro crianças, sobre e antes que todo o resto. Michael tem que mantê-la segura. Como ele sabe que é correto, e porque deve dar o exemplo. Como poderia o resto de nós seguir alguém que não pode proteger nem sequer sua própria companheira?

—Não sou sua companheira —disse ela bruscamente.

—Sim —Moirá disse simplesmente—, você é.

Jeannie se exasperou lentamente por isso durante os cinco minutos que tomou a caminhada do roseiral à praia.

—Como entra Gerald em tudo isto? —perguntou por fim.

—Ele é nosso inimigo. Ele foi um traidor faz cinco anos. Sua companheira lhe deu meninas e ele quis um herdeiro, alguém que pudesse treinar para desafiar o líder da manada. Ele é muito covarde para tentar um desafio ele mesmo; quis que um filho fizesse o trabalho sujo. —Moirá Mona, a delicada cuspiu na areia para expressar sua repugnância.

Jeannie tirou seus sapatos e molhou seus dedos no mar, explorando o horizonte e estudando a possibilidade de nadar até a Inglaterra para escapar. De qualquer modo, era uma ilusão fascinante—. Sua companheira lhe deu filhas? Alguma vez leu um livro de texto de biologia? O esperma escolhe o gênero.

—Gerald é... antiquado —disse Moirá a contra gosto—. Ele representava a manada antes que os Wyndhams assumissem o controle. Selvagem, indisciplinado. Gerald matou sua companheira depois do nascimento de sua quarta filha. Michael o teria matado, mas devido à intercessão das outras filhas de Gerald, que pediram que seu líder preservasse a vida de seu pai. Michael o fez, mas o desterrou. Agora para o traidor de Gerald, o único modo que ele pode subir ao poder, é conseguir pôr suas mãos no filho do líder da manada.

—Assim, eu seria seqüestrada —disse Jeannie com secura.

—Se alguma vez cruzasse o caminho de Gerald, ele a mataria para vingar-se de Michael, já que o que é pior que a perda de uma companheira? Ou a manteria até que parisse, tomaria o bebê, e depois a mataria. E ele estaria bem vingado com isso, já que seria como o pai do seguinte líder da manada, e subiria ao poder rapidamente. E estaríamos de volta nos dias de selvajaria e sangue. —Moirá voltou-se sem piscar, olhando fixamente com os olhos muito abertos. —Jeannie, seria o final de todos nós. —Silêncio—. Não pode partir enquanto Gerald estiver vivo.

Apesar dela, Jeannie sentiu uma emoção de medo. Resolutamente, afastou-a. Isto era tudo parte de sua ilusão, era a forma que Michael arranhou para justificar seu seqüestro. Ela não acreditaria.

Tinha que haver uma maneira de sair dali.

* * * * *

Esgotada pelos acontecimentos selvagens das últimas horas, ou devido à fadiga provocada por o início da gravidez, quando Moirá a devolveu à casa grande, Jeannie foi diretamente para seu quarto e se estirou na cama para dormir a sesta. A cama era ridiculamente cômoda, seu quarto assombrosamente bonito, e se não estivesse sendo mantida aqui contra sua vontade estaria provavelmente passando a melhor época de sua vida.

Infernos, pensou meia adormecida, olhando o jogo ligeiro contra o empapelado de um rico ouro, não houve ninguém em sua vida do colégio. Em circunstâncias diferentes, engoliria Wyndham com uma colher. Ela o violaria. Magnífico, rico, inteligente e um cavalheiro... quando não violava e

seqüestrava. Um pedaço de homem. E esses olhos... esses olhos...

Sim, poderia lamentar definitivamente que as coisas não tivessem sido diferentes, que não se encontrassem em tal condição drástica. Mas, como sua mãe estava acostumada dizer, o fato não pode ser desfeito. Sua missão não era jogar com os lunáticos, devia conseguir sair dali.

Com aquele pensamento inquietante, andou à deriva no sonho. E encontrou a si mesma no elevador outra vez... o mês passado, tinha sonhado com aquele elevador duas ou três vezes por semana. Só que desta vez, Michael não a salvou. Desta vez, usou-a e a abandonou, voltou-lhe as costas e a deixou, abandonando-a no vagão, na escuridão, e houve um som aterrador! Quando os cabos se soltaram e logo depois a sensação doentia da queda livre, seus pés deixaram o chão e sua cabeça amassou o teto, seu estômago subiu até sua garganta e gritou que caía, gritou para que ele a salvasse, e...

—Jeannie... silêncio, Jeannie, está bem. Está segura aqui.

—Ah —ela disse fracamente, abrindo seus olhos. Para sua surpresa, enquanto sonhava que tinha sido abraçada. Ele estava sentado na borda da cama, segurando em seu peito como a boneca maior do mundo.

Quando ela descansou sua cabeça contra seu peito, foi absurdamente consolada pelo ruído surdo do batimento do seu coração em seus ouvidos.

—Sonha com o elevador freqüentemente? —ele perguntou, sua voz contra seu ouvido em um estrondo profundo.

—Não —mentiu. Em um momento ela teria que fingir sentir-se ultrajada e empurrá-lo para longe. Em um momento. Agora, maldição, era muito agradável ser abraçada com ternura. atpe se ele estivesse louco. até se ele a tinha metido em mais problema dos quetinha estado alguma vez —. Não, nunca.

—Eu o faço, também —disse ele suavememnte, como se ela houvesse dito a verdade—. Só, que em meus sonhos, não posso te salvar. E cai. E acordo com um grito em minha garganta.

Ela estremeceu contra ele, fechando os olhos. Ele acariciou suas costas e murmurou; não disse nenhuma palavra, mas foi consolada pelo tom.

—No meu —sussurrou ela— me abandona. Usa-me e me abandona e o elevador cai até o porão e eles colocam o que fica de mim em um pote de geléia.

Ele a apertou mais forte.

—Nunca. Eu morreria antes de deixar que isso te acontecesse.

—Sei —ela disse e, para sua surpresa, o sabia como um fato, como sabia seu próprio nome—. Você demonstrou, não é? Mas não posso deixar de sonhar com isso.

—Nem eu —esteve de acordo ele.

Ela notou que seu mamilo direito, que estava aproximadamente a 5 centímetros de sua boca, estava rígido. Provavelmente por ele; cada vez que abria sua boca, o fôlego soprava através dela. Teve o absurdo impulso de beijá-lo. Prová-lo. Passar sua língua através dele e provar a textura. Sua boca realmente secou ante sua necessidade repentina, inquietante de convidá-lo a compartilhar.

Ele esfregava seu rosto contra o topo de sua cabeça e ela poderia sentir a tensão incrível de seu corpo, como o havia sentido na noite do elevador. Ele a desejava, compreendeu com entusiasmo. Mas tinha medo de fazer alguma coisa, medo de que ela lutasse contra ele, derrubasse a casa com seus

gritos, o chamasse demônio. Ele quis conservar esta paz temporária entre eles enquanto pudesse. O que faria ele, perguntou-se com uma alegria estranha, tormentosa, se eu me inclinasse e beijasse seu mamilo? E deslizasse seus shorts abaixo até seus tornozelos e o tomasse em minha boca?

— Vim-te buscar — disse, e ela pensou que sua voz pareceu rouca —, porque a médica está aqui.

De repente, lembrou: ela estava grávida, dele, contra sua vontade, em sua casa, contra sua vontade. Ela se sentou e o empurrou para longe. Cristo, mentalmente gemeu, levantando-se e saiu pela porta, no que pensava? Tenho que sair daqui antes que esqueça que odeio este louco.

A médica, que se apresentou como Rose Madison, esperava-os ao pé da escada. Jeannie a saudou dizendo:

— Me alegre de conhecê-la, sou Jeannie Lawrence, eles estão todos loucos e me mantêm presa, poderia me tirar daqui?

A médica, uma pequena morena com olhos cor do uísque, foi toda comiseração quando explicou que ela, também, era um homem lobo, e estava muito honrada de atender a companheira do líder da manada, assim como seu futuro líder da manada, e se oporia minha senhora a urinar nesta taça?

Jeannie arrebatou a taça plástica da mão da doutora Madison, lançou um olhar feroz a Michael, não fez caso do sorriso satisfeito de Derik, e disse em voz alta:

— Odeio a todos vocês — e partiu para um banheiro próximo.

Depois de meia hora, a doutora Madison tinha confirmado sua gravidez e tinha dado o que parecia um... sim, era. Um frasco cor de gelo cheio de vitaminas pré-natais.

— Que demônios? — ela perguntou inutilmente, levantando o frasco e surpreendida por seu peso.

— Você necessitará ao menos quatro ao dia, devido a seu metabolismo aumentado — a doutora Madison a informou.

— Claro — disse ela, brincando. A doutora Madison não ligou, advertiu-a sobre sua dieta, e disse que a veria outra vez em duas semanas.

Claro, Jeannie pensou. Deu uma olhada ao redor, a Michael, Moira, e Derik. Agora ou nunca. Se qualquer deles viesse com ela, estava frita.

— Doutora Madison, posso falar com você sobre algo feminino e particular? — perguntou, fingindo vergonha.

— É óbvio — a doutora disse rapidamente, enquanto os outros faziam um educado gesto—. Venha, passeie comigo até meu carro.

Uma vez fora, Jeannie deu uma olhada ao redor outra vez, não viu ninguém, e seguiu a doutora Madison até seu carro, um pequeno Ford Taurus elegante.

— Essa coisa de homem lobo. Se por acaso for verdade, terei uma ninhada? Terei um cachorrinho?

A doutora Madison riu amavelmente.

— Não, não terá uma ninhada. Dois, no máximo... e é estranho para nossa raça. E os homens lobos não se convertem até a puberdade. Ele ou ela parecerá um menino normal perfeitamente até, ah, os treze anos mais ou menos. — Ela sorriu abertamente—. Então todo o inferno vai destruir-se. No entanto, não se preocupe com ser a mãe humana de um homem lobo. Nosso líder a ajudará. Todos a

ajudaremos.

—Uma humana criando um homem lobo —disse Jeannie ironicamente, por casualidade levantando o enorme franco de vitaminas pré-natais. Quem alguma vez ouviu de tomar quatro por dia? A doutora tinha dado o bastante para durar dez anos.

—Para criar o seguinte líder da manada, certamente. —A Doutora Madison deu volta para olhá-la com um olhar fixo e sério—. Uma coisa, no entanto. Seu filho será muito apreciado. Não só devido a seu estado na manada, mas também porque freqüentemente o filho de um humano e um homem lobo é capaz de controlar sua Mudança. Poderá transformar-se em lobo em qualquer momento, não só durante a lua cheia.

Apesar de tudo, Jeannie ficou fascinada pela complexidade da fantasia.

—É por isso o que outros não se ofendem comigo? Eu pensava que um humano diluía a variedade.

—Não neste caso. As mães humanas são apreciadas, muito mais valorizadas. Cada vez que você tenta morder Michael, brincar, ou faz um esforço decidido para esconder seu medo, gostam mais de você. Amam mais você.

—Ah —Jeannie disse, completamente desconcertada.

—Bem —a doutora Madison disse razoavelmente—, quem quer um trapo como companheiro?

—Não eu —ela disse, e bateu o frasco pesado, com força, na cabeça da doutora Madison. O golpe jogou a pequena mulher no carro, de onde caiu e bateu no passeio de cascalho, com força. Jeannie passou por cima do corpo inconsciente da doutora Madison, e ficou surpreendida ao ver que a mulher ainda estava consciente.

—Não faça isso —pronunciou fracamente, tentando levantar-se—. É muito perigoso. Gerald a matará.

—Sinto muito —disse Jeannie, e o sentia. A doutora era quase 30 cm mais baixa, afinal. Mas resistente como o inferno. Jeannie saltou para o carro, ligou o motor com um jogo de chaves comodamente deixadas na ignição—. Cristo —resmungou, colocando de repente o carro na primeira velocidade—, golpeei-a na cabeça e sua única preocupação é por mim. Maldição. —Se ela não tomasse cuidado, ficaria como aqueles loucos.

Estava entre a vereda e a porta antes que o alarme fosse dado.

Capítulo Sete

Consciente de que tinha que despista-lose —quem sabia quantos carros, helicópteros, ou quantos outros meios Wyndham, tinha ao seu dispor— freou em seco diante da Delegacia de polícia Barnstable Sprinting, e irrompeu dentro gritando.

—Socorro, fui seqüestrada por um grupo de loucos que acreditam que são homens lobo!

As três pessoas que havia na sala —o sargento atrás da escrevaninha, um agente fora de serviço e um detetive vestido de civil— deram a volta para olhá-la.

—Uma cidade tranqüila —resmungou Jeannie, mantendo um ouvido alerta ante possíveis ruídos de perseguição.

—Tomarei conta disto —disse o detetive. Era um homem grande, superava-a em uns bons dez centímetros, de cabelo castanho-terroso, com os olhos da mesma cor e uns punhos do tamanho de bolas

boliches. Indicou que se dirigisse para uma porta situada no final do corredor.

— Vamos doçura. Me conte tudo sobre esse lobo grande e mau.

— Homem lobo — ela corrigiu, caminhando pelo corredor. Ante sua afirmação, empurrou a porta e se encontrou no exterior, em um pequeno beco. Surpreendida, deu a volta... e se chocou contra o peito do detetive. Ao bater nele, afastou-a com um empurrão.

— Cheira a Wyndham. Deve ser sua nova puta — grunhiu, inspirando bruscamente perto de seu ouvido. Ela se retirou aterrorizada. Passou a língua por seus grossos lábios; tinha o aspecto de ser a pior criatura que tinha visto em sua vida.

— E é seu pequeno bebê o que cheiro em você?

— É Gerald? — perguntou com um fio de voz.

— Era. Agora vou ser o padrasto do novo líder da matilha — Seu grande punho se aproximou voando para ela; esquivando ao agachar ela se lançou para diante, pegando a arma de seu coldre. De um salto, colocou o canhão contra a suave pele de sua garganta.

— Adivinha de novo, Estúpido Detetive — grunhiu—. Cristo, Tornaram-se todos loucos? Sou a única pessoa sã neste mundo louco? Pode estar acontecendo isto...?

— Se me for matar, faça-o já — grunhiu Gerald—, mas não me faça escutar como choraminga.

— Ah, Certo — se interrompeu—. Quem mais no corpo de polícia acredita que é um homem lobo?

— Acreditar que são homens lobo? — Quando ela cravou o canhão mais profundamente no pescoço, acrescentou—. Outros três. Estão do lado de Wyndham. Muito ruim para você que estejam de patrulha, não é?

— Adivinha de novo, bode — disse uma tranqüila voz feminina. Jeannie lançou um olhar sobre seu ombro esquerdo e viu dois agentes uniformizados e outro detetive com roupa de civil... estes, junto com a mulher, apontavam-lhes suas armas. Esperava que fosse Gerald.

— Nosso líder nos disse que com toda a certeza que pararia primeiro aqui — disse um dos agentes de polícia, quase se desculpando—. Afaste-se um passo de Gerald, por favor, senhora.

— Deveriam mencionar a Michael que já tem tudo sob controle — disse obedecendo.

— Senhora, eu em seu lugar — disse o detetive, sem afastar seu olhar de Gerald—, não mencionaria sequer ter encontrado este homem, muito menos ter estado sob seu poder.

— Bom conselho — resmungou Jeannie. Colocou a arma no cinturão de seu jeans, nas suas costas, sem preocupar-se com os incendiários olhos de Gerald—. Eu gosto de guardar os souvenirs — disse, para depois deixar-se escoltar para um dos carros patrulha.

Na parte de trás (para falar a verdade, parecia uma detida), sua curiosidade a fez perguntar.

— Companheiros, vão ter problemas por pegar um de seus colegas polícia, um membro da irmandade, ou o que seja?

— Os assuntos da matilha são privados — disse a mulher, girando-se para olhá-la através da malha que os separava—. E Gerald não me excede em grau — O companheiro que conduzia riu daquilo, e Jeannie afirmou com a cabeça, perguntando-se qual seria a brincadeira.

Surpreendentemente, os polícias-lobos a deixaram ficar com a arma. E para maior surpresa, quando chegou à grande casa não foi desmembrada imediatamente. Em vez, Disso, a chefe de cozinha, cortesmente perguntou se queria comer e, depois de recusar, Jeannie foi escoltada até seu quarto, sendo

trancada. Isso foi tudo. Nenhum grito, nenhum Michael vociferando a pleno pulmão com sua futura esposa. Nenhum Michael e ponto.

—Bem, demônios —disse, olhando seu relógio. Tinha permanecido livre durante vinte e sete minutos. Colocou a pistola em uma gaveta ao lado da cama e se dispôs a passar umas quantas horas.

Entreteve-se vendo as séries do dia (A Tribo dos Brady e Wings eram as suas favoritas) até a hora de comer. Moira, pálida e tranqüila, trouxe-lhe o jantar.

—Que esta acontecendo? —perguntou Jeannie, lançando-se sobre os pratos. Levantou as tampas para revelar um bife, umas pequenas batatas vermelhas e uns feijões verdes. Perfeito, salvo pelos asquerosos feijões verdes— E por que não veio seu senhor e professor aqui, para jogar a “Jeannie é uma moça má”?

—Está zangado —virtualmente sussurrou Moira—. Se afasta de você até que se acalme um pouco. Quando ouviu que Gerald a tinha em suas mãos... os pedreiros vêm amanhã para remendar os buracos da parede.

O pedaço de bife se entupiu em sua garganta. Com um esforço tossiu, engoliu-o e disse.

—Assim esses ratos-polícias falaram de mim, não é? Fascistas! Mencionaram por acaso que quando chegaram à cena, Gerald saudava o canhão de sua pistola? Sustentada por mim? Que consegui fazer cair esse crédulo filho de puta?

Moira sorriu, coisa que aliviou as linhas de tensão ao redor dos olhos da pequena mulher.

—Fizeram-no. Virtualmente caíram eles mesmos ao assegurar a nosso líder que não esteve em nenhum perigo. Impressionou-os o bastante.

—Deveria ver o sinal no pescoço de Gerald, se de verdade quer ver a impressão —ela riu, cortando outro pedaço de delicioso bife.

Estava a meio de caminho de o introduzir na boca, antes de compreender que estava cru. Esperou sentir um instantâneo desejo de vomitar, ou desmaiar, mas não ocorreu. Moira entendeu seu gesto e explicou rapidamente.

—É normal, minha senhora, não se preocupe. Afinal, está gerando um homem lobo. Desejará carne crua durante toda a sua gravidez.

—Meu deus! —disse Jeannie, deixando o garfo—. Estou começando a acreditar em sua alucinação.

* * * * *

Horas mais tarde, estava metendo-se na banheira —que era como uma pequena piscina— quando a porta do banheiro se abriu e Michael disse, totalmente calmo.

—Pôs-se em perigo. Pôs meu filho ainda não nascido em perigo. Intencionalmente.

Engolindo água, sentou-se e virou, para vê-lo ali, de pé na entrada do banheiro, com um gesto pétreo. Ela abriu a boca, mas antes de poder falar ele continuou.

—Termine seu banho —e saiu.

Uma hora mais tarde, ainda estava na banheira. Enrugada e tremendo, mas desafiante. Não era seu chefe! Sairia da banheira quando estivesse malditamente bem e preparada, muito obrigado...

—Jeannie! Se tiver que te tirar da banheira, não vais gostar.

... E era agora mesmo. Saiu da banheira, secou-se e vestiu a mesma roupa que tinha usado

antes. Cobriu o cabelo molhado com uma toalha e se dirigiu para o quarto para tomar seu remédio.

Wyndham era, ao que parecer, um estupendo boy scout, porque tinha acendido um bom fogo na lareira. Estava em cócoras diante as chamas, balançando-se sobre os pés, e dava a impressão que tinha estado naquela posição durante algum tempo, esperando por ela. Girou a cabeça quando ela entrou e imediatamente se levantou.

— Por que não vestiu uma camisola? Há muita roupa para você, para que a use.

— Não é minha roupa — disse ela —. A comprou antes de me seqüestrar, não é? Comprou um montão de coisas de meu tamanho? Vi-o antes. Bom, esqueça. Visto minha própria roupa.

Devido à luz do fogo, seus olhos eram amarelos. Entretanto, sua voz ainda era fria e tranqüila, coisa que a tranqüilizou um pouco.

— Tudo o que há neste quarto é seu.

— Este quarto não é meu. Nada aqui é meu. Agora, sobre o que aconteceu esta tarde — engoliu seco e levantou o queixo —. Me confesso culpada de bater friamente na doutora, mas...

Ele cruzou o quarto e arrancou a camisa do seu corpo, sem fazer caso de seu ultrajado grito; depois se agachou e puxou suas calças até que também as rasgou.

— Sua antiga vida terminou! — gritou quando a arrastou ao vestidor. Abriu bruscamente uma gaveta, encontrou uma camisola edeu a ela —. Me pertence, e levará posta minha roupa e ficará em minha casa e estará segura e estará condenadamente de acordo com isso!

Sobressaltada diante sua raiva e perda de controle, não pôde segurar a camisola, que flutuou até o chão.

— Não foi assim no elevador — disse ela, tirando os restos da camiseta de seus braços e odiando o modo em que suas mãos tremiam —. Qual é o seu problema?

— Meu problema — disse com selvagem sarcasmo, tirando bruscamente a toalha que envolvia seu cabelo e secando furiosamente com a toalha as empapadas mechas —, é uma companheira que deliberadamente não se preocupa com sua própria segurança ou, pelo vistos, a de meu filho.

— Não sou sua companheira!

— É. E todos os seus protestos não mudarão esse fato. A lei do homem lobo é infernalmente mais antiga que a dos humanos, Jeannie, e como tal, é minha, do mesmo modo que o é o filho, para sempre e durante toda a vida, amén — Terminou de secar o seu cabelo e afastou a toalha dela —. Pelo que recomendo contundentemente que pare com isto.

— Odeio você — disse desesperançada, furiosa consigo mesma por sua incapacidade de dizer algo melhor.

— Sugiro a você que também pare com isso — disse despreocupadamente. Despiu sua camiseta pela cabeça e desabotoou o shorte para deixá-los cair e sair deles.

— Mal feito — disse, e ah Deus, tinha a garganta seca —. Nem em mil anos, amigo. Jamais o faremos de novo.

— Não sou seu amigo — disse com frieza, mas com o rosro ruborizado de desejo e o olhar ardente —. Sou seu companheiro. É hora de que se lembre disso.

— E não pode esperar mais, não é? — zombou —. Esteve esperando durante todo o dia que eu escapasse e assim poder me violar. Outra vez. Bom, tentei, e agora vais fazer sua jogada — ou ao menos pensas que o vais fazer — mas então... por que está tão zangado?

—Jamais esperei que terminasse literalmente apanhada pelo Gerald —grunhiu ele, aproximando-se desafiante. Ela deu um grande passo para trás e quase tropeçou no canto da mesinha. Ele teve que estabilizá-la, colocando sua mão em seu braço, de maneira surpreendentemente suave—. Jesus! Ele podia ter arrancado a sua garganta e não teria dado conta até que tivesses despertado no outro mundo!

—O único que correu perigo foi a garganta de Gerald —replicou ela e engoliu para tentar tirar o nó da garganta—. Eu tinha sua arma. Eu...

—Não havia nenhuma bala na câmara, idiota! —O calor de sua raiva coloria sua face; sacudiu-a com tal força que seu cabelo voou para seu rosto, cobrindo seus olhos—. A arma não teria disparado! Gerald sabia, e podia ter matado em qualquer momento! Agora conhece seu estado, sabe onde está; sabe que se conseguir te ter, terá ao próximo líder da matilha. Foi imprudente e poderia ter pago o preço com sua vida, se minha gente não tivesse chegado a tempo, estúpida, estúpida... —Então foi esmagada em um abraço tão apertado, que expulsou o ar de seus pulmões. Respirava agitadamente e todo seu corpo tremia, mas tentava se acalmar—. Como pode se arriscar assim? Arriscar nosso bebê? Sabe que é um susto que durará todos os anos de minha vida?

—Eu não sa... não sa...

Sua boca de repente esteve na sua, com um doloroso beijo, enquanto se movia pressionando-a contra ele. Suas pernas se chocaram contra a cama e se revolveu afastando-se, ofegando, só para conseguir que ele a jogasse sobre a cama. Tirou as cuecas e não pôde menos que contemplar o que a tinha metido nesta confusão. Totalmente erguido, quase arqueado por seu peso, brotando de um ninho de exuberantes e negros pêlos, olhou-o durante um comprido momento, quase cativada. Então seus olhos se mudaram para cima, até seu dourado e reluzente olhar.

—Não posso —sussurrou, mas ah, parte dela sim queria—. Não com você. Não de novo.

—Fará-o. Só comigo.

Subiu na cama, evitando facilmente seu chute, e depois seu peito estava contra o seu e suas mãos em seu cabelo, puchando e fazendo retroceder sua cabeça. Aproximou-se de seu cabelo e inalou seu cheiro, parecendo como se a saboreasse; então pôde sentir a cálida e dura pressão contra a parte inferior de seu estômago, e soube que não ia ficar satisfeito unicamente com seu perfume natural.

—Não faça isso.

—Não posso evitá-lo. Sempre adorei seu cheiro.

—Não faça isso! —disse quase ofegando, quando ele lambeu sua garganta—. Não te quero. Não faça isso!

—Isto não tem por que ser um castigo —disse e pareceu quase...— se você quiser —... desesperado—. Me deixe fazê-lo bem. Quero você, não só seu corpo. Não quero tomar pela força o que poderíamos compartilhar os dois.

—Não entende? —gritou ela, o assustando e assustando-se a si mesma—. Não posso! Minha maneira de ser, essa que faz que você goste tanto de mim, também me impede de... ceder —Não importa quanto o queira, pensou desesperada—. Agora, me deixe sozinha!

—Por favor —disse de novo, com olhos enfeitiçantes—. Passarei por cima do acontecido. Não deveria ter forçado a situação. Simplesmente me deixe... —deixou cair um suave beijo em sua garganta—. Você gostará.

Isso é o que não posso suportar, disse para si mesma. Ah, Deus, qualquer coisa, menos voltar a implorar de novo. Prefiro ser tomada com raiva, que ser reduzida a gritar de maneira humilhante implorando ou gritar até ficar afônica enquanto me perco com tanta força que não posso nem pensar...

E se enganava. Enganava-se ao mantê-la ali, com o Gerald ou sem ele. Seu ultrajado orgulho não podia esquecer esse fato. Ninguém mantinha Jeannie contra sua vontade, que Deus a condenasse.

—Escaparei outra vez —disse entre dentes enquanto ele lambia a parte inferior de seu seio esquerdo. Seu mamilo levantou, em um casulo tenso e rosado, que ele esfregou com sua face. Gemeu, um diminuto som que saiu dela antes de poder evitá-lo.

Ele sorriu ante o som.

—Tive tanto medo —disse suavemente, pressionando sua boca entre o vale de seus seios em um doce beijo—. Tão aterrorizado. Quando me disseram que tinha fugido. Quando me disseram que o bastardo assassino tinha posto as mãos sobre você —Apoiou a cabeça em seu ombro—. Jeannie, estive tão assustado por você —disse, tão baixo que ela mal pôde ouvir as palavras.

Quis consolá-lo. Quis agradecer seu interesse. E odiou cada pingo de ternura que ele fazia sair dela. Forçando-a. Era melhor ser forçada, melhor ser uma vítima, que uma presa complacente. Tudo menos isso.

—Acredito que conseguiria um melhor trato com o Gerald —disse com cruel tranqüilidade—. Logo que volte eu a escapar —e o vou fazer— vou procurá-lo. Ao menos ele me deixará em paz até que o bebê tenha nascido.

Ele congelou contra ela e isso a fez conter o fôlego. Ele levantou a cabeça e dirigiu um longo olhar.

—Partirei —disse prontamente, sentindo-se envergonhada e colérica ante o sentimento dessa vergonha—. Não ficarei contra minha vontade. Deixe-me ir agora, esta noite, ou encontrarei Gerald assim que puder —Era mentira... não ia aproximar-se de Gerald nem que o apostasse, mas Michael não sabia.

Não disse nada. Em vez disso, levantou-se tranqüilamente e saiu do quarto, completamente nu. Ela sentiu cheia de alívio, incapaz de acreditar que tinha conseguido com tanta facilidade.

Levantou-se da cama e guardou em seu lugar a camisola que ele tinha dado antes para que a vestisse. Tinha falado sério sobre não vestir a roupa que ele tinha escolhido durante suas compras para sua futura prisioneira. Não tinha por que agüentar toda essa tolice de dominação masculina, e se acreditava que ela era desse tipo...

Ele estava de volta trazendo alguma coisa.

Deu uma batida na porta para fechá-la nas suas costas, com a cara escurecida pela cólera; depois destapou um tubo, extraíndo uma boa quantidade de algo em sua mão. Deslizou-a por seu inchado membro, até que este ficou brilhante e escorregadio pelo lubrificante.

Ela observou esse frio procedimento —sem mudar seu gesto— com a boca entreaberta. Mas de repente compreendeu e se voltou para correr... para algum lugar. Mas a mão dele a agarrou pelo cotovelo antes que tivesse dado um só passo. Empurrou-a, enquanto gritava sua negativa, de barriga para baixo contra a cama. Ela conseguiu ficar de joelhos, porque ele o permitiu, então segurou seus quadris e se afundou em seu interior. Ela gritou de novo ante o choque, a brutal intrusão, como castigo.

Moveu-se para trás, afundando-se e retirando-se, enquanto ela gritava encolerizada, já que na verdade, não doía, mas tampouco podia exatamente ser chamado prazeroso, de qualquer maneira, isto deu lugar a um furioso pranto. Em nenhum momento perdeu o ritmo, e depois de um minuto se estremeceu atrás dela.

Ao soltar seus quadris, Jeannie caiu sobre a cama, tremendo com seus soluços. Ele a sustentou enquanto chorava durante bastante tempo, depois pôs uma mão sobre seu ombro e a virou de costas. Ela não podia olhá-lo.

—Foi pelo que ameaçou fazer —disse com voz rouca—. Nem pense em se aproximar dele. Mataria-a. E eu não poderia suportá-lo.

Levantou-se da cama, percorrendo o quarto para apagar as luzes. Ela tentou controlar-se e deixar de chorar, mas era muita a tensão que tinha suportado durante as últimas três semanas, sem contar com a tensão do último minuto e meio.

Quando ele se deitou de novo na cama a seu lado, ela se encolheu para trás, esperando voltar a ser usada, mas ele a tranqüilizou, aproximando-a para seus braços com tanto cuidado, como se pensasse que podia partir-la se a tratasse com muita rudeza. Suas cálidas e grandes mãos acariciaram suas costas e aproximou a cara à sua garganta. Na escuridão, sua voz retumbou contra sua face, triste... quase perdido.

—Não sabe, mas assim... assim é como um homem lobo castiga sua companheira. Usa-a e tendo seu prazer. Assustou-me tanto, sem me escutar, não... não sabia mais o que fazer —Calou-se—. Estava muito zangado —. Lambeu o rastro de suas lágrimas de uma de suas faces e quando ela não se encolheu ou estremeceu, mas continuou soluçando, lambeu as lágrimas da outra. Lambeu as que tinham chegado ao seus seios, perseguindo uma errante lágrima até seu mamilo.

Perseguiu-a com doces e suaves beijos durante todo o percurso, e pôde sentir como ela ficava rígida. Deteve-se, obviamente esperando um protesto, mas a agonia de sua última humilhação era muito grande, e teve medo de o parar.

—Está tudo bem —disse tristemente lendo sua mente, ou talvez cheirando seu medo. Sua língua brincou em seu umbigo e continuou seu caminho descendente—. Não importa o que faça ou diga, terminei com a crueldade por esta noite. Dei-me conta de que não gosto quando está assim. Quer que pare? Que te deixe?

Receosa das brincadeiras dos homens lobos, não disse nada, mas não pôde sufocar um afogado grito de protesto quando ele se colocou entre suas pernas. Começou a lambe a parte interior de suas coxas, limpando sua semente dela, e um traidor calor começou a estender-se por seus membros. Pôde sentir-se relaxando pouco a pouco conforme foram passando os longos minutos, e tudo o que fazia era acariciar, beijar e lambe a parte interior de suas coxas. Então sua língua roçou seus clitoris, foi e voltou, sem ter tempo suficiente para retorcer-se antes de que estivesse de volta à pele menos sensível de suas coxas. Depois se introduziu em seu interior, rapidamente, agitando-se, explorando-a...e depois de novo à parte interna de suas coxas.

Depois as viagens ao interior de suas coxas foram mais curtas, e toda sua atenção se centrou em sua vagina, que começou a palpitar com deleitável abandono. Tentou reprimir um gemido, mas ele escutou o amortecido som e murmurou.

—Estou certo que você gosta.

Não com você, pensou desesperadamente, e quase gemeu de novo quando sugou seus clitóris ou o circundou imprudentemente com sua língua. De repente sentiu o fácil afundamento de um dedo e arqueou instantaneamente as costas sobre a cama, mordendo os lábios até fazê-los sangrar em uma tentativa desesperada de não demonstrar o quanto seu maravilhoso e perito toque a afetava.

Tudo se contraiu em seu interior, e de repente o orgasmo floresceu nela como uma escura flor. Inclusive enquanto as doces réplicas ainda a faziam tremer, atraiu-a para si, e de repente estava deitado de costas e com ela escarranchado sobre ele. Murmurando algo para animá-la, tomou uma mão, apartando suas coxas um pouco mais e depois a ponta de sua regidez estava em seu interior, enquanto ela se segurava sobre seu peito para não cair.

Ele parou. Ela olhou sua próxima escuridão.

—Contínua — urgiu brandamente com a voz rouca—. Tome em seu interior. Ou não. Desta vez a decisão é sua.

De qualquer forma não se moveu, cautelosa, perguntando se tramava algo, perguntando-se se a ia castigar de novo, o malvado (nunca te farei mal), bastardo, ah, como o odiava (não irá com o policial corrupto), desejava-o morto, odiava-o por humilhá-la (se a cavalaria não tivesse aparecido, estaria torrada) e depois a tinha feito chegar ao clímax. Era desprezível, e estava presa (não acreditará que estão todos loucos, não é?)

Afastou a desprezível voz e repentinamente, aborrecidamente, deixou-se cair sobre ele, o introduzindo profundamente nela, até que pôde sentir sua ponta tocando suas profundidades. Então se levantou...e se deixou cair outra vez. E outra vez. Em baixo dela, Michael ofegou com um som desigual.

—Jeannie...

Elevou-se. Caiu. Outra vez.

—Pára, Jeannie, não está... isto é tudo para mim, não vais conseguir...

Outra vez.

—...por favor, pára, pára, me deixe te ajudar a aproveitar, não faça isto...

Outra vez.

—...não faça isto, não o faça, não o faça...

Outra vez. Manteve-o em seu interior, o montando com selvagem intenção, sem fazer caso de suas súplicas, que pediam para ela ir mais lentamente, para permitir-se ter prazer. Usou-o como a tinha usado, e o gesto de seu rosto, sua expressão, mostrava o miserável que feriu seus sentimentos. Depois de uma eternidade, ele girou a cabeça, com seus protestos terminando em um desigual gemido. Sentiu-o pulsar em seu interior, sentiu como seus músculos o seguravam avidamente, sugando-o, e se odiou quase tanto como odiava a ele.

Sem uma palavra se afastou, enroscando-se em seu lado, longe dele.

Estou presa, pensou sem emoção. Estão todos loucos, a cidade inteira está infectada, todos estão implicados e o ajudassem a me vigiar. Não posso escapar, e se o volto a tentar, haverá mais de...disto.

Não posso escapar.

Não posso ficar.

Chorou outra vez, silenciosamente, sem fazer caso dos suaves rogos de Michael para que o olhasse, para que o perdoasse, para que tentasse entender.

—Estás grávida de um menino que crescerá para proteger e dirigir pelo mundo uns trezentos mil homens lobo. Isso supera seu orgulho Jeannie. Sua segurança fica à frente de tudo. Estou...

—Não volte a me dizer que o sente —disse com frieza, o fazendo calar.

Capítulo Oito

—Castigou-a!

A acusação fez com que Michael despertasse completamente. Depois de deixar Jeannie, tinha caminhado por seu quarto durante horas, perguntando se havia algo que pudesse ter feito de forma diferente. A disciplina dos homens lobos tinha sido um engano... ou não? Se isto a impedia de fugir com o Gerald, valiam a pena as lágrimas e o ódio. Preferia que o odiasse a que o amasse e morresse no dia seguinte.

Tudo se devia a sua natureza, ao fato de que ele tinha regras diferentes às que ela estava acostumada, mas ela não podia aceitá-lo porque não podia aceitá-los a eles. Ela pensava que todos estavam loucos. Talvez a sugestão do Jon tinha sido correta. Se ela os visse trocar, até a Mudança de um deles, poderia contemplar sua situação sob uma nova luz.

Mas OH, ela estaria aterrorizada, esperaria ser forçada outra vez. Ele poderia expô-la a isto, embora soubesse que tinha razão?

Ele tinha razão?

Finalmente, adormeceu ao amanhecer, só para ser despertado pelo som de sua porta ao abrir-se de repente e pelo Derik lhe gritando.

—O quê? —perguntou confusamente, piscando para afastar o sono de seus olhos. Ele olhou pela janela... e se assustou ao ver que estavam no meio da tarde—. O que esta acontecendo?

Seu amigo da infância fechou de repente a porta com tanta força, que uma lasca saltou do marco e aterrou no chão.

—Castigou sua companheira, isso é o que aconteceu. Ela esteve enroscada no assento junto à janela todo o maldito dia, sem dizer uma palavra a ninguém, sem comer nada. Por Deus, ela nem se vestiu, nem fala, nem come...

—Está se repetindo —disse ele bruscamente, reprimindo o dardo de preocupação que durante um instante provocaram as palavras de Derik—. A machuquei? Alguém a viu?

—Não a machucou —disse Derik, descontente—,e continuo dizendo isso, ela está quebrada. Você quebrou seu espírito. E pensamos que empesta —ele fez uma pausa, tossiu—. Senhor.

—Nós? —ele perguntou, deslizando-se da cama—. Meu pessoal leal e os membros da manada, quer dizer?

—Posso cheirá-la por toda parte em ti —disse seu amigo em voz baixa—. A tomou outra vez, não é?

—Quando ouvi que Gerald realmente tinha posto suas mãos nela...

Derik gemeu e se deixou cair na cama.

—Não se castiga a uma companheira, me diga, me diga que não tomou uma humana como castigo.

Silêncio.

Derik se sentou e fulminou com o olhar o líder de sua manada

—Jesus, Michael, ela é delicada! É humana. Não deveria tê-lo feito, não importa o que te assustasse. Não pode tratá-la como a um homem lobo, inclusive se for sua companheira.

Um grunhido baixo atraiu a atenção de Derik, e ele baixou seus olhos imediatamente.

—Bem, infernos, estou aborrecido. Eu não deveria dizer como dirigir sua fêmea —ele fez uma pausa, Depois estalou furiosamente, ainda mantendo seus olhos respeitosamente baixos—, mas você deveria se levantar daí e resolvê-lo, ó poderoso rei de todos os homens lobos, porque sua companheira está em um estado lamentável e é sua culpa. Ela deveria comer. E estaria bem se vestisse, também.

—Não posso ir para perto dela —disse ele, passando pela mesma extensão do tapete que ele tinha andado tantas horas ontem à noite—. Sou parte do problema. Ela não entende nossas regras, não entende...

Derik elevou a vista.

—Então faça ela entender —disse ele, claramente exasperado.

—Eu tento?! —Michael conseguiu conter-se de dar um chute e fazer um buraco no aparador—. Eu tento, mas como ensina uma pessoa cega a ver coisas? Como se diz a um surdo como soa uma sinfonia? Não se pode fazê-lo. Só se pode esperar que consigam... embora seu pior medo consiste em que nunca o façam. Você sabe que ela é minha companheira, e eu sei... e ambos sabemos que é a fêmea alfa, e um membro valioso da manada. Mas ela não entende nada disto. É muito cedo. Faz um mês, nunca tinha encontrado comigo. Faz um mês, eu não tinha nem idéia de...

—Se apaixonar? —perguntou Derik quedamente.

Michael gemeu.

—Como pôde tudo ir à merda tão rapidamente? Ela me odeia, Derik, e não posso culpá-la por isso. Fui um desastre para ela desde que entrei naquele elevador. O pior é, que embora me visse trocar, embora soubesse que não estamos loucos, ficaria aterrorizada.

—Mas qual é a alternativa?

O líder da manada não tinha nenhuma resposta.

* * * * *

—Por favor, senhora, por favor... Jeannie... tente com um pouco de pão. Desse quando viu quanto comeu ontem disso, fez um pão inteiro só para você, porque não tenta por favor, só um pedaço?

O pedido de Moira se transformou em um zumbido suave quando Jeannie olhou para fora de sua janela, vendo o mar. O oceano se via exatamente como ela se sentia: cinza e tempestuoso. O tempo igualou seu humor; este era um dia perfeito para ficar dentro de casa e pensar. Até a areia parecia fria e proibida, como neve suja. Ela daria algo para ser uma mulher-golfinho, uma mulher-tartaruga, uma mulher-peixe, algo que pudesse nadar no mar e nunca, nunca voltar para este louco lugar. Seu estômago, que a tinha estado roendo e retumbando a maior parte da manhã, rendeufinalmente e era agora uma pedra em seu abdômen. Vencido. Derrotado.

De passagem gostaria de derrotar Michael Wyndham.

Elas tinham tentado fazê-la se vestir. Moira e outra mulher, uma que ela não conhecia, tinham entrado, suavemente e tinham afastado de seu assento junto à janela e a tinham vestido com uma roupa que não era a sua, uma que Michael tinha comprado para ela quando sonhava raptá-la. Ela as

rasgou, não tão espetacularmente como Michael rasgou as suas, mas o bastante para conseguir tira-la e depois, nua, ela tinha voltado para assento junto à janela, descansando sua testa contra os vidros e desejando ser uma mulher-guppy.

Moira sussurrou que entendia, podia cheirar Michael por toda parte dela e entendia completamente, mas por que castigar o bebê pelos pecados do pai, e elas não poderia por favor tentar comer um pouco desta sopa?

De algum jeito, o dia passou. Jeannie pensava que fora o mais difícil que ela tivera em sua vida (ah), mas não podia ver uma saída da armadilha (exceto impedir seu orgulho mandar).

A noite chegou, e ela ficou adormecida no assento junto à janela, ignorando a câibra em suas pernas. E então chegou uma altura na escuridão em que foi suavemente levantada, lbanhada e colocada na cama. Ela despertou o bastante para captar o cheiro de Michael e tentou lutar para despertar, para retornar à janela e olhar para o mar e a liberdade, para afastar suas mãos dela, suas mãos maravilhosamente consoladoras...

— Volta a dormir, Jeannie. A janela estará aí amanhã.

Um conselho razoável, pensou ela bocejando, e se afundou de retorno ao sono.

* * * * *

Michael olhou inquieto a janela de Jeannie, virando-se quando ela se sentou. Ele viu imediatamente que ela não estava realmente acordada; dormia, os olhos bem abertos pareceram trespassá-lo.

Ela saiu da cama. Tendo uma boa idéia de seu destino, ele a seguiu pela porta, estabilizando-a na escada quando seus pés adormecidos tropeçavam. Jon, retornando de uma caçada noturna, passou por eles na escuridão, seus olhos se abriram apreciativamente ante a nudez de Jeannie. Então ele viu que estava dormindo, viu Michael atrás dela, e passou com um cortês aceno ao seu líder da manada.

Ela vagou sem rumo fixo no andar inferior, até que ele suavemente a conduziu para a cozinha. Uma vez ali, ele abriu a geladeira para ela e viu o pequeno recipiente plástico com seu nome nele. Ele levantou a tampa e sentiu o cheiro rico, saboroso do picadinho cru misturado com ovos crus, cebola e muito sal e pimenta.

Deu o recipiente a Jeannie, que não vacilou em pegar um punhado e comê-lo. Ela comeu até o vasilhar ficar seca, e enquanto ele fechava a geladeira e punha o recipiente na pia, ela delicadamente lambeu a carne crua de seus dedos. Ele a olhou sem palavras.

Então ela despertou.

Ele viu imediatamente; seu olhar sonolento se nublou, então completamente surpreendida. Ela olhou abaixo para ela mesma, depois olhou ao redor, o viu, viu onde estavam.

— Eu... pensei que sonhava.

— Tinha fome — disse ele simplesmente —. Assim veio dormindo aqui para alimentar o bebê.

— Comi-... comi tudo aquele hambúrguer cru? — Ela tocou sua boca, enojada —. Ainda posso saboreá-lo.

— Tinha fome — disse ele outra vez —. E penso que o gosto em sua boca é bom para você. Isso é só a idéia de que sente mal. Jeannie... pode ver-me? Sabe onde estamos?

— Estamos em uma cozinha. Sim, posso ve-lo —ela acrescentou, com um estalo de seu velho

fogo que o animou—, não faça outra pergunta estúpida.

—Aqui está muito escuro, Jeannie. Faz um mês, em igual escuridão, não podia ver nada.

Um silêncio comprido, estirado, quebrado por seu sussurro.

—O que está acontecendo?

—Está grávida de um homem lobo —disse ele simplesmente—. Compartilha uma corrente sanguínea com o bebê. Comerá carne crua e verá na escuridão e provavelmente ficará mais forte antes que tenha o bebê. É natural.

—Não é natural. Nada disto é natural —ela esfregou a face—. OH, Jesus, participo de sua ilusão, consegui me colocar tão louca quanto você...

—Isso não é verdade —disse ele, esticando a mão e acariciando seu ombro, ligeiramente, o toque de uma boboleta—. E penso que começa a se dar conta disso.

—Tem que ser verdade —disse ela, quase gemeu—. Qual é a alternativa? Que tudo que disse era verdade? Que tudo... tudo o que me fez foi razoável? Certo, até? Isto não é aceitável, não o tolerarei!

—Jeannie...

Ela se afastou dele e saiu da cozinha, seguindo seu caminho, passando pelas caixas e tamboretas sem vacilar, embora a maior parte das pessoas estivessem efetivamente cegas em tal completa escuridão.

* * * * *

Ele foi ao seu quarto na manhã seguinte e encontrou-a encolhida no assento junto à janela, olhando para a lua quase cheia com uma expressão aturdida, quase hipnotizada.

—Jeannie —ele começou, e depois se calou inutilmente. Seus dedos coçaram de vontade de tocar a pele lisa de suas costas; felizmente, suas mãos estavam ocupadas. Sua carência de controle físico o tinha metido nesta confusão. Cristo, parecia um cachorrinho ao redor dela, só pensando no prazer físico, nos sons que ela fazia quando... —. Fico contente que comesse seu café da manhã.

—privar a mim mesma de comida não funciona. —disse ela sem esperança, sem virar. Só me faz caminhar dormindo e procurar carne crua, por Deus. Melhor ter meus ovos mexidos. Por favor saia.

Ele decidiu que não seria prudente mencionar que suas ânsias piorariam, não iriam melhorar, antes que ela desse à luz.

—Trouxe-te algo.

Ela não respondeu.

Ele deixou as malas, dobrando-se, sem soltar as quatro alças. Diante dos sons, ela deu uma olhada sobre seu ombro, depois afastou do assento junto à janela com assombro—. Minhas roupas!

—Algumas delas. —confirmou ele, enquanto ela o afastava do caminho e dava um olhar mais próximo—. Fui buscá-las ontem à noite. Não pode correr por aqui nua durante os próximos oito meses, não é?

Ela sorriu abertamente, tão ampla e natural que ele realmente sentiu que seu coração parava: C... CATAPLÁN!

—Obrigado! —Ela fez um movimento abrindo seus braços; durante um momento de pura

felicidade surpreendida, ele pensou que ia abraçá-lo. Então o momento passou e ela se movia entre calcinhas, shortes e uma blusa.

Bem, o que esperava, tolo?, ele se perguntou amargamente. Que o beijasse e dissesse, “Ouça, PsicoHomem, perdoo-te por me violar duas vezes e quero ficar contigo para sempre, obrigado pela roupa”.

Ele deu a volta para partir.

— Michael — disse ela tentativamente.

Ele virou, a esperança saltava em seu peito como um coelho. Um coelho continuamente viçoso sem esperanças, encaprichado por alguém que o odiava.

— Sim, meu... meu amor? — ele quase a tinha chamado sua “minha única companheira”, uma expressão carinhosa dos homens lobo que ele sabia positivamente que ela não apreciaria.

— Michael... posso-te pedir um favor?

Ele esperou. Ela olhou para fora da janela, à lua, quase cheia, a lua que maturaria esta noite e chamaria seu sangue. Seus olhos eram amplos de angústia, dilatados pelo medo.

— Posso por favor ficar em outra parte esta noite? Prometo que não tentarei escapar. Eu farei o que quiser, só não me faça ficar na casa com... com todos vocês esta noite.

— Não é seguro para você em qualquer outro lugar — disse ele, tão suavemente como podia —. E ainda que decida partir. Não tem que se preocupar com uma repetição do que aconteceu no mês passado. — Ela não tinha que preocupar-se, não importa onde ele estivesse, pensou, mas não o disse, porque ela certamente não ovulava esta vez. O que ele queria provavelmente fazer em forma de lobo seria caçar alimento para ela, depois ficar perto. Seguindo-a de um lugar para outro, bebendo seu cheiro, adorando-a com seus olhos. Ela ficaria aterrorizada... ou o odiaria... ou ambas as coisas.

Ele fechou seus olhos contra a dor que esse pensamento provocava, depois os abriu quando ela fez algo que ele nunca pensou que faria... nunca pensou que ela fosse capaz de fazer.

— Por favor! — pediu ela —. Não me sinto segura aqui! É linda, mas não me sinto segura em sua casa. — Cada palavra era uma facada em seu coração, mas ela não notou, apressada em sua agitação —. Cada minuto que passa, sinto como se alguma coisa terrível fosse acontecer, algo no que estou no meio! Por favor, por favor me deixe ficar em outro lugar. Farei tudo, Michael, tudo que quiser.

— Não suplique — disse ele asperamente —, não posso agüentar — mas ela não ouvia. Cruzou o quarto em um instante e se jogou em seus braços; ele a abraçou automaticamente, andando para trás pela força de seu assalto —. Jeannie, escuta. Não...

Ele deixou de falar porque sua boca frenética estava nele, suas mãos palpitavam em seu peito e depois arranhavam o tecido de sua camisa, seu cheiro... de pomar amadurecido, suculentos pêssegos... o afligia. A força de seu beijo devolvido a fez dobrar para trás —. tudo — ela assobiou em sua boca —. Tudo.

O homem nele dirigiu, “Espera! Ela se dá a si mesma como um favor, pensa que se a tomar, poderá partir esta noite. Pára, idiota!” antes que o lobo assumisse o controle, desse um puxão na blusa dela sobre sua cabeça, despise seus shortes, rasgasse suas calcinhas com sua pressa, jogando-a na cama. Ele estava nela, suas extremidades estavam entrelaçadas com ela e seu cheiro estava em todas partes e ele não podia ter o bastante, nunca podia conseguir bastante dela. Ele enterrou seu rosto na doce curva de sua garganta, cravando seus seios com seus imprudentes mamilos aveludados, beijou-a com tanta

força que ambos ofegavam quando ele afastou sua boca dela.

Parte dele pensava, até enquanto ele punha suas mãos sobre ela, sua boca nela, que ela deveria estar muito assustada para dar a si mesma a ele, uma mulher que se privou de comida e que tinha ido sem roupas para mostrar seu desprezo por ele. Ele fez um último esforço, heróico—. Não pode partir —grunhiu ele, depois mordeu o lóbulo de sua orelha, e se perguntou como poderia fazer para abandoná-la com seu membro ardendo e seu almíscar em suas fossas nasais—. Não é seguro.

Ela dobrou sua cabeça, descansando sua testa contra seu ombro—. Sei. Sabia que não me deixaria ir, mas estava desesperada. Estive olhando a condenada lua e me desgostando e agora estou... OH, Deus, estou tão envergonhada.

Ele beijou a curva de seu seio—. Não diga isso.

—Eu estou, no entanto. —ela parecia contente deixando ele acariciar com o nariz seu seio; uma mão estava em seu cabelo, quase distraidamente. Ele desfrutou de seu toque, em sua conformidade temporária, inclusive enquanto ansiava por mais.

—Por isso usa seu corpo para tentar conseguir o que quer?

Ela não respondeu, mas ele a sentiu engolir com força.

—Isso não faz você má. A faz formidável —ele riu entre dentes—. O remorso, agora, faz-te humana. —Ele lambeu a parte oculta de seu seio, depois beliscou a pele sensível. Ela saltou e ele a ouviu conter um grito afogado.

—Acredito —disse ela com cuidado, tentando se mover debaixo dele, e, porque ele não cooperava, não tendo nenhuma sorte absolutamente—, já que não me deixará partir, não há nenhuma razão para que nós terminemos isto.

—Não vai me deixar, não é? —Ele provavelmente parecia tão horrorizado como se sentia, porque ela o olhou com um olhar diabólico patente em seus olhos.

—Sim —disse ela—, vou fazer isso. Prometeu que não me forçaria a menos que fosse me castigar. Não tenho feito nada errado.....

—Hoje —ele a interrompeu com secura.

—... tem que ir então. —terminou ela triunfalmente. Ele poderia dizer que ela o amava, amando o poder que ela tinha sobre ele, e estava curiosa por ver se ele realmente a abandonaria, enquanto ambos podiam sentir a palpitação debaixo de seu cinto.

—Jeannie, estou pedindo.

—Não —ela disse, fazendo uma careta, mas ela estava olhando-o, olhando-o, e ele captou o cheiro agudo de sua cautela. Ele gemeu teatralmente e saiu da cama, ajustando seu jeans para aliviar a rigidez entre suas pernas.

—Sobre aquela promessa...

—Fora!

A última coisa que ele viu antes de sair foi o adorado e surpreendido olhar em sua cara.

Capítulo Nove

Jeannie falou com um bocado de chocolate.

—O que quer dizer com todos vão embora?

Moira fazia a cama, Apesar dos protestos de Jeannie de que “ela não precisava uma criada, maldição”. Agora ela estava limpando os pratos do almoço de seu amante, e elevou a vista.

— Só as fêmeas, minha senhora.

— Por que?

— Como você não nos quer aqui — disse ela simplesmente.

— Mas nunca disse... além disso, Michael é o chefe de sua gente, não eu.

— A fêmea alfa expressou a angústia ao seu companheiro do que pensa sobre nós esta tarde. Assim, partimo-nos. — Moira se encolheu de ombros—. Simples.

— Mas eu não sou a... — Pelo olhar da Moira, Jeannie se arrependeu—. Bem, digamos que o sou. Nunca disse a sua gente que fossem embora. Só disse a Michael.

— O ouvido do homem lobo — disse Moira com um sorriso—, é muito agudo. Além disso, podemos cheirar sua tortura. Não queremos acrescentar isto.

— Realmente deixa sua casa esta noite? Por mim? Inclusive embora eu não o pedisse?

Moira somente a olhou, algo como, “sim, tola”.

— É obvio — Jeannie disse devagar—, poderia ir então eu, não vejo porque não se não sou um homem lobo.

— Depois de que tudo o que viu? Sentiu? Comeu?

— Puf, não me lembe disso.

— Você ainda pensa que estamos loucos? Metade da cidade? E cada um nesta casa? E o pai de seu filho?

Jeannie pigarreou.

— Bem, não digo que não é convincente... — Mas ela se retratou sob a severa atenção de Moira.

— Bem. — Moira recolheu a bandeja—. Como sabe, partiremos. Verei você amanhã.

— Espere! — Ela saltou sobre seus pés e lutou contra o impulso de tomar Moira pela manga como uma menina—. Você disse que as fêmeas partiram. E os homens?

— Os “homens” — ela disse com secura—, pensam que deveriam conseguir se sobrepor. Mas não iremos por aí.

— Não, — Jeannie gritou enquanto Moira se retirava—, certamente não o faremos!— deu um chute em um travesseiro, cruzando o quarto.

Houve um golpe na porta contígua, e a cabeça de Michael apareceu.

— Certamente não faremos o que? E pára de dar chutes nesse travesseiro que tem cem anos.

Jeannie, dobrou-se para pegar o travesseiro, e o deixou cair como se estivesse quente.

— As moças partiram todas — disse ela em um tom de acusação.

Ele franziu o cenho.

— Sim. Disseram-me que o fariam. Elas se tornaram completamente leais a ti em... —ele comprovou seu relógio—. Setenta e duas horas.

— Mas os homens não partiram.

— Não. — Vendo a confusão em seu rosto, ele acrescentou—, as fêmeas farão o que a fêmea alfa quezer, e ponto. Os machos farão o que é melhor para ela. Nem sempre é a mesma coisa.

— Fascinante. Realmente, quero dizer isto. — Ela bocejou teatralmente, e esfregou seus olhos, sentindo um repentino cansaço, surpreendentemente não teve que fingir. Então ela o olhou e disse, sem

vacilações, nem acertadas brincadeiras—. Tenho medo.

—Sei.

—Por que tem que soar assim? —ela perguntou de mau humor, esfregando seus olhos outra vez—. Todo agradável e amoroso.

—Porque tenho uma grande admiração por você. Não somente pelo que pensa ou por seus encantos físicos. —Ele fez uma pausa, depois disse, tão francamente como ela tinha declarado seu medo—. Te amo.

Ela se afogou em meio de um bocejo, e o contemplou com os olhos bem abertos.

—Não, você não ama.

—Não? —Ele sorriu, com aquele sorriso lento e atraente que ela sempre adorava.

—Somente ama o meu cheiro. Michael, seja razoável —disse ela, tentando parecer razoável ela mesma.— Não me conhece o suficiente para me amar. —Pensando com surpresa e vertiginosa alegria: Ele me ama! Ele me ama!

—Sim, conheço —disse ele casualmente.

—Michael —ela disse devagar, querendo cruzar o quarto e tocá-lo, mas incapaz de fazê-lo—, se realmente me amar, por que, por que me envergonha assim?

—Vai escapar e encontrar Gerald?

—Não! —Ela gritou a palavra antes de pensar, depois enrubeceu acaloradamente—. Quero dizer, sim, talvez, o que sei eu?

—Por isso —ele disse simplesmente. —Não te quis castigar. Quis-te proteger, mas quis que gostasse disso. Lamento ter te assustado. —Para seu assombro, ela viu que suas mãos tremiam—. Odiei cada segundo daquilo —acrescentou ele com forte ênfase—, mas eu o faria mil vezes se isto significasse que se manteria longe de Gerald.

Houve um curto silêncio enquanto eles se olhavam.

—Um... obrigado? Suponho —resmungou ela.

Ele sorriu um pouco.

—Está cansada, querida?

—Não —ela disse de um modo provocador, mas suas pálpebras estavam ridiculamente pesadas—. Quero continuar falando deste chamado amor.

—Fala enquanto se deita —disse ele, tomando seu braço e empurrando-a suavemente para cama. Antes que ela pudesse virar ou sentar-se, ele tinha escorregado na cama atrás dela, aconchegando-se contra ela, como uma colher.

—Não quero dormir a sesta contigo —disse ela, movendo-se contra ele.

—Se não deixar de se mover —adverteu ele enquanto seu fôlego fazia cócegas no pescoço—, não dormirá a sesta.

Ela se manteve quieta de qualquer modo, e bocejou outra vez.

—Embora seriamente. Por que deveria te recompensar por... —Ele me ama, ela se lembrou—. OH está bem, fique então, —queixou-se ela. —Vê se não me incomoda.

Sua risada retumbando foi a última coisa que ela ouviu.

* * * * *

Estava escuro quando ela despertou, mas podia ver completamente tudo o que estava no quarto com clareza. Ela se negou a pensar no que isto significava (estive recusando a pensar muito esta semana, não é, neném?) e em troca se enfocou em Michael, que passeava ao pé da cama. Sua face estava brilhante pelo suor e ele continuou passando seus dedos por seu cabelo. Na penumbra, seus olhos eram de uma tormentosa cor de ouro. Ele devia ter dormido, também, compreendeu ela, e agora não havia tempo para que ele partisse antes... antes...

—Michael? — a palavra virtualmente se colou em sua garganta. Ele não se voltou, nem olhou para ela —. Esta tudo bem?

—Bem — ele resmungou.

Repentinamente, ela se decidiu: não teria mais medo. Não podia temer outra violação se ela fosse o agressor. E, para ser completamente honesta, o muito bastardo tinha um toque como ninguém a fez sentir antes. Ela o queria. De noite, em sua cama sozinha, ansiava por ele.

—Não terei mais medo — ela anunciou, e se levantou da cama. Então saltou sobre ele.

Ele a segurou, como ela sabia o que faria, e cambaleou para trás com tanta força que suas costas encostaram na parede.

—Minha opinião é — disse ela, olhando o rosto surpreso dele, quando ela colocou suas pernas ao redor de sua cintura —, que estive aterrorizada de uma repetição da cena do elevador, não é? Toda a semana, estive me preocupando com isso. Ao diabo, até tentei te seduzir para ver se me deixava ir. Bem, se eu te violar, não há nada por que ficar assustada. Então posso voltar a dormir.

—Está fora de si...

Ela o beijou. Então mordeu seu lábio inferior. Ele gemeu e cambaleou com ela.

—Jeannie...

Ela introduziu sua língua dentro de sua boca. A língua dele se encontrou com a sua em um duelo frenético antes que ele afastasse seu rosto do dela.

—Não! Não é como antes, não é... estando tão perto de minha mudança, se mudar de opinião não serei capaz de parar. — Ele a deixou e a sacudiu —. Não serei capaz de parar! E não posso tolerar te forçar outra vez, até por castigo. Se souber pela manhã que te assustei ou te machuquei.

Ela rasgou sua camisa abrindo-a.

Ele afastou para longe dela, ofegando.

—Não.

—Por Deus — resmungou ela, e saltou sobre suas costas. Colocando seus braços ao redor de seu pescoço, ela não fez caso de sua rouca demanda que parasse com isso imediatamente, tomou parte de sua orelha em seus dentes. Ele uivou e a segurou por sua cabeça, tentando separá-la... então mudou de opinião e pressionou seu rosto no lado de sua cabeça, com força. Ela o mordeu outra vez e ele gemeu.

—Nunca te entenderei.

—É uma pena — disse ela compassivamente, depois mordeu o lado de seu pescoço, e o lambeu.

Ele cambaleou sobre a cama e caiu, colocando-a em baixo dele. Ela liberou suas pernas e ele deu uma volta, empurrando sua camisa pelo pescoço e sepultando seu rosto entre seus seios.

—Última chance — gemeu ele.

—Exatamente, esse é meu pensamento — grunhiu ela, tirando a camisa sobre sua cabeça, movendo-se para tirar seus shorts. Ele a ajudou com mãos tremulas e rapidamente ambos estavam

nus.

Ela começou a ter um pensamento estranho quando ele a voltou e a colocou de joelhos.

—Michael —ela pôde dizer quando ele beijou a base de sua coluna—. Não é nada a não ser... poderíamos tentar de qualquer outra forma... porque não estou certa de estar pronta para isto ainda.

Ele não respondeu, e ela estava ponto de tentar dizer novamente quando sentiu um rápido movimento de sua língua na abertura de sua vagina... entrando profundamente. Ela aguentou um gemido e pensou, De que demônios me escondo? Amo-o, e ele sabe que o amo.

Quando seus polegares a abriam amplamente e sua língua bebia a lambidelas sua carne exposta, ela gemeu em voz alta e estava certa de que Moira, em qualquer lugar que estivesse, podia ouvi-la. Ele riu do som, um estrondo de prazer desenfreado, e depois sua língua estava dentro dela outra vez, lançando-se e movendo-se.

Em menos de um minuto ela se balançava para trás contra sua boca docemente ocupada, entusiasmada sentindo o princípio desse calor familiar e delicioso em seu estômago, sentindo por toda parte a pressão que significava que seu orgasmo se aproximava...

... então ela sentiu a ponta dele, cheia de sangue, a cabeça tão deliciosa como uma ameixa, comodamente nela... e depois ele avançou empurrando, rapidamente e com um forte impulso instantaneamente ela se estremeceu com o orgasmo.

Ela gritou seu nome e empurrou para trás, encontrando-o com cada impulso, em uma montanha russa de prazer, um orgasmo que descia em picaro imediatamente combinava com outro. Seus baixos gemidos, tanto como grunhidos, acenderam seu sangue e a fizeram querer morder algo.

Ela sentiu seus dentes em seu ombro, suavemente, e depois o sentiu palpitando dentro dela. Ela empurrou para trás uma vez mais, avidamente, depois o sentiu deslizar sobre ela.

—Ah —ela disse, quase suspirando.

—Cristo —ele gemeu, e se deixou cair sobre o travesseiro. Ela riu bobamente, e ele estendeu a mão, tomando-a pela cintura, e a recostou a seu lado—. Diga a verdade —ele pigarreou, e quando ele a olhou, ela viu que suas pupilas eram enormes, sua íris eram quase imperceptíveis anéis de ouro—. Tenta me matar, não é? Cansa-me antes que eu transforme?

Ela riu outra vez.

—Significa isto que não o fará durante uns segundos?

Ele não riu de sua mofa. Em vez ele estendeu um dedo e tocou sua boca. Então sua áspera palma embalou sua face.

—Não tenha medo —disse ele, sua voz era tão profunda que era difícil entendê-lo—. Eu não poderia suportar que tivesse medo.

—Que engraçado —disse ela seriamente—, Eu não estou com medo. O que mais me preocupava... fiz que acontecesse. Tive de me jogar sobre você literalmente. Mas não me opus, porque é mais fácil estar assustado quando se é passageiro que quando se é o condutor.

—Não tenha medo —disse ele outra vez, ofegando—. Não posso adiar mais.

Ele começou a mudar. E aconteceu tão rapidamente que se ela tivesse pestanejado teria perdido. Seus traços, membros e corpo pareceram mudar, derreter e encolher em um lobo coberto de pelo, um quadrúpede com um exuberante casaco negro da cor exata do cabelo de Michael, e olhos de ouro profundo. Não havia um cheiro. Não havia uma desordem. Ela acabava de testemunhar uma

impossibilidade física.

—Guh —ela disse, piscando e olhando-o fixamente, antes de que o lobo lambesse descuidadamente sua face. A cabeça grande e peluda girou, lambendo seu estômago, onde seu bebê estava acomodado.

—Michael, ah Michael —sussurrou ela, estendendo a tremula mão e sentindo a lustrosa pele. Quando Michael em forma de lobo não se afastou de seu toque, simplesmente ficou sentado tranqüilamente, ela deu rédea solta ao prazer e à curiosidade, dirigindo suas mãos sobre seus membros fortes, sua cauda, acariciando a nobre cabeça e até sepultou sua cara em seu rico casaco negro. Ela compreendeu fracamente que seu rosto estava empapado com emoções trancadas, medo e raiva, desesperada por sair tão facilmente quando Michael tinha perdido sua forma humana.

Era tudo verdade. Eles não eram tolos loucos. Ela era a tola, por ficar cega perante a verdade. Ele era o líder da manada, ela era sua companheira e carregava o seguinte líder da manada. Ela estava em perigo enquanto Gerald quisesse o poder. Michael tinha tido razão ao raptá-la e trazê-la para sua casa. Ela tinha se enganado ao tentar escapar.

—Michael —ela sussurrou em sua pele—, amo você.

Ela não sabia se ele poderia entendê-la em sua forma lupina, mas apesar de tudo, ele fez um ruído profundo, que retumbou completamente em seu peito como um ronrono. Ela esperou que ele entendesse. Por outro lado, ela tinha toda uma vida para repetir a frase.

O retumbo repentinamente mudou de tom, de ronrono a grunhido. Ela se afastou dele, por instinto sabendo que Michael era incapaz de lhe fazer mal em qualquer forma que tomasse, mas ainda cautelosa. Ele saltou de seu lado e atravessou as portas do balcão, fechando de repente uma delas com bastante força para rachar o pesado vidro.

—Calma! —disse ela, levantando-se de um salto e correndo para sua porta —Quer sair? Não há problema, espera um segundo. —depois de um momento ela tinha a porta aberta e Michael passou correndo, subiu para o corrimão e depois intrepidamente saltou para a escuridão.

Atrás dele, Jeannie o olhava cair de dois pisos de altura e aterrar agachado em suas quatro patas.

—Bom, diabos —respirou ela—, não é de admirar que a queda do elevador não o matasse.

Ela ainda o olhava fixamente, com a boca aberta como uma tola idiota, quando outro lobo saiu da escuridão e se lançou na garganta de seu amado. Este lobo tinha a pele colorida de marrom, a cor exata do cabelo de Gerald, e ela soube imediatamente quem era o lobo... e para que tinha vindo. Michael evitou o ataque, e os dois capitalistas machos ficaram em guarda e preparados para lutar.

Ele está louco! Esse foi seu primeiro pensamento. Atacar Michael em seu próprio território? Talvez Gerald tivesse ouvido que todas as fêmeas saíam e pensou que Jeannie seria fácil de agarrar... talvez ele também tivesse ouvido que Michael tinha planejado ir embora essa tarde. E provavelmente calculou, é esta noite, ou nunca...

Seus pensamentos foram interrompidos por um ruído; ela deu volta a tempo para ver um lobo de cor caramelo de manteiga e de olhos verdes como Derik passar como um foguete diante dela, diretamente sobre o corrimão de balcão. Outros quatro lobos os tinham rodeado já, o grunhido e a luta dos machos, e Derik resolutamente foi pela garganta do traidor mais próximo.

Jeannie deu a volta e foi imediatamente à gaveta ao final da mesa onde ela tinha deixado cair

descuidadamente a arma de Gerald... isto só foi ontem? Ela fez saltar o carregador, notou com perverso prazer que estava cheio, depois deu palmadas no carregador para trás e colocou uma bala na câmara. Então Michael tinha razão, ela pensou loucamente, voltando para balcão. A arma de Gerald não teria disparado, e ele poderia ter me matado então. Bem, bem. Nota para si mesma: pedir perdão ao seu amado, depois de salvar seu traseiro.

Uma parte distante dela lembrou que o quarto era de tom escuro e não havia bastante luz das estrelas para poder ver. De qualquer modo, ela podia distinguir tudo claramente como se fosse meio-dia: a cor dos lobos, o verde exuberante da grama, até algumas de suas cores de olhos. Obrigado, bebê homem lobo, ela pensou, e depois viu Gerald, que estava, ela notou com imparcial cólera, justamente tomando uma parte do ombro de seu amado. Ela não tinha nem idéia como Gerald esperava sair da propriedade Wyndham em sua forma de lobo. Talvez ele fosse meio humano e pudesse controlar sua mudança. Apesar de tudo, ela não ia ficar parada e deixá-lo machucar outros —Michael!— em sua busca de poder.

Os dois lobos estavam concentrados em uma batalha histórica por território e fêmeas, e Jeannie, cuja mãe era policial e seu pai marinheiro, sabia um pouco sobre batalhas, esperava por sua oportunidade. Enquanto isso, Derik tinha afugentado seu opositor e, embora uma perna dele sangrasse e uma orelha estivesse mordida, lutava avidamente contra o outro.

Gerald se virou para trás e foi para a garganta de Michael. Em quanto isso, Jeannie deu dois tiros certos onde ela adivinhou que era o ponto da garganta do homem lobo.

—Toma isto, Gerald! —ela gritou para baixo. Ela liquidou o novo competidor de Derik com mais um tiro limpo na cabeça, e Derik saltou para trás do homem lobo recém morto com um yip que soou com uma risada.

—Em caso de que não compreender, dei um tiro nos intrusos! —Pensamento: “muito obrigado a que as histórias sobre balas de prata não fossem verdadeiras”.

Os outros traidores congelaram, e levantaram a vista para ela, exceto Gerald, que se agarrava ao restante de sua vida na grama.

—Foi a fêmea alfa que falou —disse ela, e quando Gerald mortalmente ferido deu seu último suspiro sobre Michael, ela pôs quatro dedos em sua cabeça em forma de saudação—. Terminou a brincadeira.

Os outros dois traidores que sobravam, fugiram, com um raivoso Derik sobre seus calcanhares. Michael levantou a vista para ela, caminhou de forma errática e deu um estranho salto para o balcão. Ela ofegou quando viu suas feridas.

—Felizmente para nós você se cura rápido —disse ela, e tirou a bala da antecâmara. Guardou em seu lugar a arma e depois foi atender seu companheiro.

Capítulo Dez

Da cama podia ouvi-los conversando no café da manhã, inclusive apesar de estarem um piso abaixo dela.

—E então ali estava Michael tentando manter Gerald longe de sua garganta, entendeu? —disse Derik. Ela podia imaginá-lo mantendo o grupo encantado, agitando as mãos, os olhos brilhando com a

emoção contida—. E eu tinha minhas mãos ocupadas com esses outros dois asnos. E tanto Michael como eu pensávamos, Deus, há mais nos jardins? Podemos derrotá-los embora as garotas não estejam aqui para ajudar? E nós assumíamos que Jeannie virtualmente tinha perdido a cabeça, certo? Quero dizer, eu a tinha visto assustada de morte. Então, Bang! O bastante perto para chamuscar a pele de Michael, Gerald conseguiu dois buracos na garganta, e todos olhamos para cima e ali estava a companheira do líder de nossa manada (nua, nada menos) segurando uma pistola fumegante e gritando a Gerald, que estava causando problemas desde que nasceu.

—E então o que? —perguntou Moira excitadamente.

—Então ela atirou no sujeito do meu lado, pôs um pouco mais de chumbo em Gerald, enfaixou as feridas de Michael e comeu um jantar enorme às duas da madrugada.

—Sabia! Sabia que Michael tinha escolhido sabiamente! E você disse que ela nunca encaixaria, Disse.

—Não fiz isso. Somente afirmei que depois de uns poucos meses ela não caberia em sua roupa. Isso é tudo.

Ouvir seu pessoal falar dela com tanta admiração fez aflorar um rubor quente em suas faces. E, realmente, não tinha feito tanto. Só salvar o dia.

O pensamento a fez rir em voz alta. A seu lado, Michael estava dormindo profundamente, e se mexeu ante o som. Ela se calou imediatamente e examinou o ombro masculino. A ferida parecia ter meses, e deu de novo graças a Deus pelo metabolismo dos homens-lobos.

Tocou seu estômago ligeiramente, com amor. Havia um homem lobo crescendo dentro dela, o que deveria estar á assustando —estar dando alguma coisa ao menos—, mas em vez disso estava repleta de uma aceitação gostosa de seu futuro. Não sabia muito de homens lobo, mas ia aprender, OH sim. Michael a ajudaria. Sua manada a ajudaria.

Uma grande mão marrom cobriu a sua e ela se afundou nos olhos dourados de Michael.

—Minha própria companheira —disse lentamente, saboreando as palavras—, e tão valente. Até quando estávamos no elevador foi valente.

—Bom, certamente. Você não ia permitir que nada me acontecesse.

—Como você que, aparentemente, não permitirá que me aconteça —disse ele ironicamente—. Me lembre que a instrua dos pontos mais sutis do protocolo dos homens lobos. Número um: nunca interferir em um Desafio. —Mas ele estava sorrindo enquanto dizia isso, e ela soube que, embora seu orgulho masculino pudesse estar um pouco ferido, ele estava contente com ela.

—E número dois?

—Toma sempre uma humana como companheira —disse ele, e a atraiu para um longo beijo. Quando ele se afastou, ela estava sem respiração e os olhos masculinos cintilavam de satisfação—. Antes que fôssemos interrompidos ontem à noite tão grosseiramente, disse-me algo. Desejo muitíssimo ouvir as palavras de novo.

—Assim, pode entender quando é um...

—As palavras, Jeannie.

—Amo você, estúpido. Ou pensa que atiraria em um homem por qualquer coisa?

—Por um momento —disse ele seriamente— me perguntei se poderia atirar em mim.

—Eu era uma idiota —admitiu ela—. Uma louca cega. Tudo estava bem diante de mim e eu

não o aceitava.

—Você é perfeita —assegurou ele—, considerando as circunstâncias. As palavras de novo, Jeannie, por favor.

—Amo você.

—Me deixe te mostrar como me sinto— sussurrou ele, e a beijou.

Seu ato de amor foi lento e quase irreal, e para Jeannie, que só tinha conhecido rápidos e ferozes acoplamentos com este homem, foi como descobrir um lado totalmente diferente de seu companheiro. Tomou seu tempo, tocando-a com uma reverência perita, obtendo prazer do dela. até quando ela estava suplicando que entrasse nela, cravando as unhas em seus ombros e gemendo súplicas que faziam que seus olhos se entrecerrassem com luxúria, ele se conteve.

—Não —disse ele, quase gemeu—, desta vez quero que dure.

Estremecendo sob suas mãos, ela teve a sensação de que ele estava tocando-a finalmente como sempre tinha ansiado, e ela se orgulhou disso. Quando ele deslizou dentro dela, tremeu nos braços dele e ofegou seu amor, e ele fechou seus olhos com gratidão, profundamente comovido. Abriu seus olhos e ela se afundou em seu curioso olhar dourado.

—OH, Jeannie —murmurou ele—, eu também te amo, minha companheira mais querida, a minha.

Balançaram-se juntos, ambos criaturas de ferocidade e paixão, e gritaram até ficar roucos. E quando terminaram e estavam dormitando cada um nos braços do outro, Jeannie teve tempo para um pensamento antes de deslizar-se na espiral do sono. Graças a Deus que não usei as escadas.

FIM